DIÁLOGOS COM JOHANNES

(1) Esta parte foi escrita de 5 de setembro de 1923 a 7 de janeiro de 1924. Os diálogos com Johannes aparecem reunidos no fim do livro por mera conveniência lógica.

CAPÍTULO I
O FENÓMENO DA ESCRITA AUTOMÁTICA

Setembro, 1923

O trabalho de criação é uma arte que depende do estado de alma do escritor. Tem que vir no momento adequado; não vem quando o queremos. Dias há em que a nossa expressão se torna fluente, com as palavras a pulsarem vivas; e há dias em que a fonte se resseca; o cérebro trabalha sem que os pensamentos tomem forma.
O escritor de fancaria pode ditar torrencialmente as coisas que lhe vêm à cabeça, porque se trata apenas de manufatura sem valor. O verdadeiro escritor, não.
Para dar ideia do extraordinário fenômeno da escrita automática e da rapidez com que neste livro foram tratados os assuntos filosóficos, indicarei a capacidade normal de um escritor.

O meu livro "The Eternal Masquerade", trabalho histórico e filosófico de cerca de 80.000 palavras, foi escrito em quatro meses, o que representa a média de 5.00 por semana. Uma ou duas vezes escrevi 4.000 num dia, contando também a noite; mas era loucura isso. Qualquer autor concordará que 2.000 palavras escritas num dia, sobre um tema filosófico, já constituem um bom trabalho, suficiente para justificar descanso no dia seguinte.

Sendo assim, que escritor no mundo pode produzir ensaios desta ordem cem a velocidade de 2.000 palavras em menos de meia hora? Pois foi com esta velocidade que a matéria dada neste Livro III se fixou no papel por meio da escrita automática! Para o leigo este fenômeno poderá não impressionar; mas para mim, que sou um profissional, apresenta-se como deveras notável, sobretudo atendendo aos conhecimentos de altíssimo valor assegurados.

A nossa escrita automática foi obtida graças ao concurso mediúnico da Sr.ª Hester Travers Smith, muito conhecida nas rodas intelectuais depois que publicou as

manifestações de Oscar Wilde, tão famosas, aparecidas no verão de 1923.
Há duas formas de escrita automática. Uma com o uso do lápis ou da pena sobre o papel, e outra - ainda mais rápida - por meio do aparelho Ouija. Este aparelho consiste num ponteiro móvel que gira sobre as letras do alfabeto, de A a Z e dos algarismos de 1 a 9. A rapidez conseguida equivale à das máquinas de escrever comum.

O médium coloca a mão sobre a extremidade do ponteiro giratório. Ao lado o observador toma nota das letras apontadas e desse modo consegue rapidez muito maior que a usual na escrita comum.

É frequente virem mensagens em língua totalmente desconhecida do médium.
Mrs. Smith é filha do falecido Edward Dowden, professor de literatura inglesa, autor de uma biografia de Shelley, de estudos sobre Shakespeare e também investigador de problemas psíquicos. A Sr.ª Travers não faz profissão de médium e tem em seu acervo pouca experiência que não sejam de escrita automática.
Ainda se conserva agnóstica, isto é, sem ideias definidas sobre coisa nenhuma; essa atitude mental tem muito valor, porque elimina o lado emotivo do problema e deixa o espírito completamente liberto de influências. Nota-se nela o sentimento do medo, visto considerar perigosa a investigação psíquica. Neste ponto estou com a Sr.ª Travers, porque, como já declarei, as inteligências fracas ou perturbadas podem ser muito afetadas no começo dos estudos.

Apesar de toda a sua experiência, a Sr.ª Travers não dá nenhuma explicação pessoal das suas faculdades - e por isso não aceita nem repele teoria nenhuma.
Diz que no decurso de suas provas tem tido a assistência de vários espíritos guias, que a seu ver funcionam como organizadores de transmissões no além.

Entidades de nomes exóticos, alguns com existência já de centenas de anos. O professor William Barrett, da Royal Society, que submeteu a Sr.ª Travers a muitas experiências, acentua, com relação a estes guias: "Considero-os como entes psíquicos distintos e não como simples fases automáticas da personalidade da Sr.ª Travers." Eis o processo que seguimos: a Sr.ª Travers senta-se à mesa com lápis e papel, para funcionar como autômata; às vezes em companhia de outro autômato.
Quando o guia aparece e responde às perguntas feitas, os autômatos funcionam como puras máquinas, de rapidez espantosa.

A título de prova misturamos as letras alfabéticas antes que a Sr.ª Travers, de olhos vendados, fosse introduzida na sala. As respostas obtidas do além foram

escritas do mesmo modo, sem que ela pudesse saber que letras o ponteiro ia marcando.

A Sr.ª Travers recebeu mensagens de entes que não havia conhecido na terra; e, conforme Sir Barrett o testemunhou, todas as suas manifestações provaram-se exatas. Muitas das sessões foram realizadas com a presença do reverendo Savell Hicks e de Mr. Robinson, autor da brilhante comédia The White-Headed Boy. Foi numa dessas sessões que chegou a seguinte mensagem: "Sou Sir Hugh Lane, afogado. Achava-me a bordo do Lusitânia:"

Estas palavras impressionaram os presentes, porque Lennox Robinson e a Sr.ª Travers conheciam Sir Hugh. Nesse momento passaram pela rua vendedores dos jornais da noite, anunciando o desastre. Mrs. Robinson correu a comprar um - e voltou lendo e já assinalando o nome de Mr. Hugh entre os passageiros. A sessão continuou. O espírito de Sir Hugh descreveu a cena a bordo do Lusitânia: Pânico. Os botes foram descidos. As mulheres entraram primeiras. Perdi-me num escaler que revirou. Fiquei sem memória até que vi aqui uma luz (1)

(1) Outra confirmação da "luz" do médium.

Alguns dias depois Sir Hugh manifestou-se com outras mensagens e deu conselhos a vários amigos seus e da Sr.ª Travers, de Dublin. Mais tarde comunicou mais mensagens relativas a assuntos pessoais, à sua galeria de quadros, ao seu testamento e aos esforços feitos para, em sua memória, criar-se em Dublin uma galeria - propósito que o horrorizava, disse ele.

A teoria da Sr.ª Travers sobre a comunicação dos espíritos deduz-se da observação de Sir Hugh, de que "viu uma luz". É coisa lógica, e tem tido confirmação de diversos modos. Uma luz que atrai os espíritos e habilita-os a se comunicarem com os da terra. Essa luz varia, sendo forte ou fraca de acordo com as forças psíquicas do médium e dos que o rodeiam.

A famosa comunicação de Oscar Wilde a Sr.ª Travers a recebeu certa vez em que estava de sessão com Mr. V... Foi dada com ímpeto, tão apressada que a mão que a tomou mal a podia escrever. A assinatura de Wilde surgiu perfeita, e sua escrita habitual manifestou-se plenamente em todo o decurso da mensagem. Wilde recordou passagens da sua infância e referiu-se a isso, irmãzinha que morrera na infância e da qual a médium nunca ouvira falar.

O estilo de Oscar Wilde transparece claramente no escrito. Os epigramas são do tipo dos de Wilde e da sua época. Citarei um, em que ao descrever os círculos escuros onde o seu espírito pairava, se mostra o mesmo sarcástico que foi na terra: "Impossível conceber-se nada mais tedioso do que a vida depois da morte, exceto o casamento e um jantar com um mestre escola."

Este epigrama é caracteristicamente wildeano e próprio de sua época. Hoje em dia o casamento é mais um tumulto devorador que um tédio a dois, e existem vários professores muito mais divertidos do que nossos teatrólogos e Primeiros Ministros. Em outras mensagens Wilde passou em revista muitos escritos ingleses. De James Joyce disse: Ainda eu, que sou uma sombra; mesmo eu que conheci a plenitude da vida e cheguei até à sua semente de fel, clamo em voz alta: Vergonha sobre Joyce, vergonha sobre sua obra, vergonha sobre sua alma mentirosa!

Compare-se esse monstro a Bernard Shaw, o nosso pobre Shaw. Temos aqui dois polos contrários. Ambos gritam que encontraram a verdade. Qual tímida donzela, Shaw esconde o seu imenso pudor com o véu da jactância. Joyce, do seu lado, não se revela jactancioso. No seu vasto e monumental volume não vomitou tudo que tem para vomitar. Sim, porque comeu com muita pressa e tudo que entrou e não foi digerido há que saltar fora. Estou certo de que Joyce tem muito ainda a dar ao mundo, antes que a velhice chegue e o torne virtuoso. Por esse tempo estará cansado da verdade e voltar-se-á para a virtude, como para o último emético.

De Thomas Hardy disse: A sua mente singela procura mais, tudo porém que em mim existe de rusticidade revolta-se contra o realismo que plana desesperadamente pelas campinas do Dorsetshire. Reflita-se por um momento que as obras do Sr. Hardy são simples anotações de uma estreita experiência aldeã, tingidas de um primário senso romântico. Perfeitamente inofensivo, o Sr. Hardy. Quase alcançou a intrepidez, num ponto ou noutro, naquela pesada época em que escreveu. Lembro-me de como o seu "Tess" fez o coração das moças soluçar. Era uma história de atrair meninas no começo da puberdade; como obra de arte, uma coisa informe, sem valor como descrição artificial da vida rústica ou como minucioso estudo de aldeia. O Sr.. Hardy não passa de um provinciano da classe média. Nunca esperou vencer e apesar disso teve êxito, em parte porque abordou o tema do homem do campo, criatura que naquela época começava a surgir no horizonte.

De George Meredith disse: Sou um leal admirador de Meredith. Era, na realidade, um homem sem nenhum senso da beleza, mas possuía a mais engenhosa

maneira de jogar com as palavras, de modo que seus mais fervorosos admiradores delas nunca pudessem desentranhar nenhum pensamento. Seus pensamentos aderem-lhe às ideias como cracas ao casco de velho navio, e ele fica tão peado que as ideias fogem e só ficam as palavras. Mas apesar de tudo, que imensa façanha é jogar com a língua inglesa! Eu de mim jamais o tentei. Minha arte consistia em escolher as palavras, acariciá-las, levá-las de um lado para outro do meu gabinete até que cada uma recebesse o que lhe era devido. Meredith as entretecia tão intrincadamente que sua inteligência ficava paralisada e ninguém podia penetrar nunca na massa incrustada.

De Bernard Shaw disse: Eu sentia minha estima por Shaw. O seu intenso desejo de originalidade apiedava-me. Mas não havia nele o menor senso da beleza, nem do lado dramático da vida. Sim, uma apaixonada fúria de ser alguém, de forçar a personalidade sobre o mundo; de afastar outros do seu caminho, ainda que esses outros demonstrassem mais méritos. Tenho um grande respeito pela obra de Shaw. Apesar de tudo, é meu patrício. Compartilhamos desse mesmo infortúnio. Penso que Shaw pode ser classificado como o verdadeiro tipo do plebeu. Quer de tal modo mostrar-se honesto e leal, que diz muito mais coisas do que pensa. Mostra-se sempre pronto para pedir ao público que admire a sua obra - e por mera simpatia, para satisfazê-lo, o público o admira.

De Arnold Bennett disse: "É o diligente aprendiz de literatura que maneja a varinha de seu mestre Flaubert, e que conseguiu convencer a si próprio, e ao público, de que aprendeu a mágica. Mas não apanhou, não, o segredo de Flaubert. Seus tipos nunca dizem nada fino, nem pensam nada extraordinário; são perfeitamente reais, tão verídicos como um quadro mal... Bennett cometeu o crime de haver aumentado o número de tipos desagradáveis existentes no mundo:"

De George Moore disse: "Meu pequenino conterrâneo de Dublin? Oh, Moore é absolutamente pequeno, de alma e espírito. É o anão que se julga gigante - coisa muito natural para uma criatura do seu tamanho. Mas, apesar disso, Moore penetrou em Londres tocando tambor e pífano. Seu grande desejo de brilhar ajudou-o na vitória. Muitos caminhos trilharam na jornada. Avança e retrocede, porque em parte nenhuma encontra a criatura que deseja. Quando falo de Moore só vejo diante de mim a futilidade. O homem que não acerta; eis Moore."

Dos versos de Stiwell disse: "Não perco meu tempo caçando rãs. Só me dirijo a cérebros de algum valor. Não mergulho abaixo de certo nível:"

Dos escritores modernos disse: “Não sou dado à admiração, mas se me perguntardes a quem, na moderna geração de teatrólogos, eu sinceramente admiro, direi que só um compreende o drama. O único que satisfaz meu senso estético é John Galsworthy. Em certo sentido, é o meu sucessor, um aristocrata das letras, o homem que se deleita em selecionar - coisa que o pobre Shaw nunca fez. Shaw mergulha e colhe o primeiro objeto em que sua mão toca - e regala-se em desfazer esse objeto. Galsworthy mostra-se lento na seleção, mas quando realiza a escolha revela um raro senso de justa medida e apresenta o modelo completo da sua ideia”.

Sobre a pintura em sua conexão com a literatura: “Deixa que a imaginação se esforce. Toma uma palavra e deixa que o seu som penetre fundo em teu espírito simultaneamente com a ideia de uma rica tonalidade. A palavra púrpura, por exemplo. Deixa que a profundeza infinita dessa opulenta cor penetre teu ser; e faz com que a música da palavra “púrpura” traga de dentro de ti os tons que vêm das perfumadas violetas até que a palavra e a cor se fundam. Isto te dará ideia de como eu realizava meu trabalho artístico, e de como a música me vinha tanto das palavras como das cores (porque quando eu escrevia tinha em meu espírito a imagem do modelo construída de som e cor).

E ao tecer a teia eu ia acrescentando mais riquezas, sempre afeiçoando, moldando, até que a forma perfeita surgisse. Foi este o meu modo particular de arte - uma arte que me deu luz - luz que não se dissipou com o esfacelar-se da minha reputação e com toda a má fama que a falsidade do mundo acumulou contra mim. Porque minha arte brotava diretamente da natureza - a força que lhe deu vida. Fui o sacerdote que cinzelava a criação, que com infinito cuidado e esforço aperfeiçoava a forma até que esses filhos de minha mente alcançassem o completo desenvolvimento e como cisnes majestosos deslizassem sobre as águas, rumo ao infinito onde nunca pereceriam”

Sobre a mulher: “A mulher foi para mim um som, uma cor. A mulher deu-me tudo. Deu-me primeiramente o desejo, e o desejo deu vida a essa misteriosa essência que havia dentro de mim. E desse perfumado filtro de destilação profunda meus pensamentos nasceram; e de meus pensamentos brotaram as palavras. Cada palavra que usei tornou-se-me uma filha. Amei minhas palavras e acariciei-as em segredo. Tornaram-se-me tão preciosas que eu as ocultava aos olhos dos homens até que estivessem perfeitas - e então as exibia em toda a plenitude como símbolos da mulher.”

Na minha opinião, estes escritos de nenhum modo poderiam ter origem no

cérebro da Sr.ª Travers Smith. No estilo e em tudo nada tem com ela.
É interessante a mudança de "polaridade" de um médium de escrita automática quando defronta um novo consultaste. A Sr.ª Travers experimentou uma sessão com o Sr. Bligh Bond - e desapareceu completamente o controle de Oscar Wilde. Em vez de Wilde foram os monges de Glastonbury que manifestaram desejos de comunicação, relatando um após outros detalhes do enterramento das relíquias da abadia no ano de 980 - ano de grande pavor da invasão dinamarquesa, diz a história. Em seguimento a isto a escrita automática da Sr.ª Travers fixou relatos poéticos do Santo Graal e da Távola Redonda do rei Artur; e finalmente os detalhes da peregrinação de São Felipe o Evangelista, com a promessa de manifestação do seu "Evangelho" extraviado, documento só por tradição conhecido entre os padres da Igreja anteriores ao concílio de Nicéia.

Por muitos anos as mensagens automáticas tem sido recebidas por muitas pessoas, mas eram geralmente tediosas e sem inspiração, sempre em tom pseudo religioso ou sentimental. Todas pareciam ditadas por espíritos de inteligência muito rudimentar.

Entrando no conhecimento da Sr.ª Travers Smith, não vi necessidade de submetê-la a provas com os olhos vendados, mormente não sendo o caso de revelações pessoais, sim apenas filosóficas. Meu propósito era experimentar a força das inteligências desencarnadas, fazendo-as dizer sobre os problemas que no momento me ocupavam, ou aos meus associados.

Diz a Sr.ª Travers Smith que no transcorrer de suas experiências as sessões têm variado muito. Com alguns consulentes os resultados são morosos e falhos; com outros, rápidos e opulentos. Se os espíritos sentem simpatias e antipatias, nada mais natural do que supor que não queira comunicar-se com céticos ou antagonistas. Acha ela que os melhores resultados são obtidos quando o médium recebe cerebralmente a comunicação e a transmite por meio do aparelho. Ouija, ao mesmo tempo em que o consultante fornece a força mental necessária. Também é de parecer que os guias e mais espíritos não gostam de ser submetidos a certas questões. Nada mais compreensível, pois corresponde a um hóspede cuja identidade está constantemente posta em dúvida.

O método que usei em minhas experiências com a Sr.ª Travers foi conservar sua mão na minha enquanto eu fazia perguntas a Johannes. Logo que a questão era proposta sua mão largava da minha e escrevia as mensagens de resposta por meio do aparelho Ouija, enquanto eu fazia taquigraficamente a necessária anotação.

Embora eu consiga escrever taquigraficamente com grande rapidez, no começo me era difícil acompanhar o movimento do ponteiro Ouija. Certas mensagens eram tão longas que tínhamos ambos de parar, de cansaço. Mais tarde descobri que deixando a mão como que largada era-me possível escrever com velocidade muitíssimo maior e sem canseira nenhuma. Muitas vezes trabalhei quase que completamente às escuras, e não só a anotação me saía bem legível e clara, como sempre em linhas retas.

Duvido que exista algum escritor que possa submeter-se a semelhante prova. Respostas que requeriam séria ponderação vinham imediatamente após a pergunta. Não existe nenhuma explicação científica para estas comunicações. A teoria de Richet, da "criptestesia" - sensibilidade oculta - é de tão difícil aceitação como para alguns a admissão da existência espiritual no além, com poder de comunicar-se com os que vivem na terra.

CAPÍTULO II
SOBRE DEUS E A GUERRA

A 6 de setembro tive minha primeira experiência com a Sr.ª Travers Smith. Sentamo-nos lado a lado; tomei do lápis e ela colocou a mão sobre a minha, que deixei ficar inerte. Nada aconteceu por um minuto ou dois; em seguida, sem nenhuma ideia ou esforço da minha parte, escrevi meu próprio nome e também as palavras "Johannes" e "lanthus". A Sr.ª Travers tomou do lápis e eu pousei minha mão sobre a sua. De súbito, um estremecimento e ela começou a escrever com rapidez. Disse-me que Johannes era o seu guia, mas que lanthus lhe era desconhecido. Concordamos em usar o aparelho Ouija. como o mais rápido para a captação de mensagens.

IANTHUS - Desejo falar. Sou um dos guias do homem que está aqui. Minha pátria é a Grécia, onde nasci trezentos anos antes do vosso Cristo. Meu nome: lanthus. Quero ajudá-lo. Esse homem tem grande força. Sou lanthus, de Delfos. Estive por algum tempo no templo. Deixei a minha terra e fui para a França, onde vivi muitos anos, mas minha pátria é a Grécia. Este homem possui muita força mas não sabe usá-la. Ajudado por mim poderá pôr-se em íntimo contato com os deste plano. Breve poderei escrever por seu intermédio; mas há que ter paciência, esperar, visto que ainda não adquiriu a passividade necessária. Entes daqui já o rodearam procurando falar, mas ainda não é tempo. Eu poderei ajudá-lo, se ele invocar-me; acho que pode fazer muito nesse caminho. Será melhor do que com o uso do lápis. Existe uma pessoa desejosa de pôr se em contato com ele, mas vejo-o

ainda muito definido; tem que dar toda a passividade à sua mente. Venho-o acompanhando de muitos anos, mas nunca pude falar porque nunca fui chamado.

MRS. TRAVERS - Quer fazer alguma pergunta a Johannes?

BRADLEY - Não é fácil formular perguntas assim de momento. A mim o que mais me interessa é a filosofia. Peçamos a Johannes a sua opinião sobre as contínuas guerras que assombram a civilização.

JOHANNES - Na nossa esfera também há luta, mas é diferente. Não podemos destruir o nosso físico porque não possuímos físico. Não há meios no mundo para extinguir esse desejo que leva os homens a destruírem-se corporalmente, mas o desejo de paz sobrevirá um dia, visto que a sede de destruição aproxima-se do fim; e aqui na nossa esfera não podemos deixar que nos mandem tanta gente sem nenhum preparo. O problema da guerra decorre do primitivo desejo de sangue, de sacrifício, de carne, e não pode ser completamente solvido. Aqui a luta é diferente. Não há destruição, porque a destruição é impossível; mas há a possibilidade de retrocesso na Roda Evolutiva.

Quando nos deixamos vencer pelo mal, retrocedemos. Sabemos aqui que o caso é de experiência e desenvolvimento e por isso temos de lutar; do contrário somos esmagados e lançados para trás. Este conhecimento é o que nos ajuda. Na terra os homens não podem adquiri-lo porque o corpo os atrapalha. Nas grandes guerras há a destruição do corpo, mas em muitos casos as almas aparecem aqui com uma aura de conhecimento, o que as livra de serem rechaçadas para o mundo de onde vieram. Se os da terra imaginam que por meio de palavras, desejos ou ideias é possível acabar com a fúria destruidora, enganam-se, porque o que se dá é o inevitável. O anseio da chacina nasceu com a carne.

Vou explicar a diferença entre os que vêm para cá por motivo de destruição na guerra e os que vêm por morte natural. Os que vêm de modo natural não se mostram dominados por maus pensamentos; vem a nós e nada sofrem. Com os mandados pela guerra é diferente. Lutaram e a luta põe em relevo a parte brutesca do homem. Antes que essa parte brutesca se elimine, suas almas não encontram lugar onde progridam.

BRADLEY - Há a aceitação nessa esfera da onipotência de um Deus supremo?

JOHANNES - Querido amigo, nenhum dos que há séculos e séculos aqui vivem

pode responder a tal pergunta. Nosso conhecimento nesse ponto não vai além do conhecimento aí de vocês na terra. Temos vivido em vários mundos diferentes e progredido mediante a recordação das nossas existências passadas, que é uma recordação coletiva; mas Deus, tal como na terra o concebem, é tão misterioso aí como aqui. No princípio era o caos; névoas surgiram sem ordem ou forma, mas atrás desse caos existia uma profunda força misteriosa a que chamamos Deus e está tão desconhecida e oculta hoje como o estava naquele tempo. O verdadeiro começo das coisas foi quando as partículas começaram a moverem-se umas em relação às outras.

Esse é o sistema fundamental de tudo que existe. O sistema dos céus, das estrelas, dos planetas, das rochas, das flores, das criaturas vivas e das pobres criaturas humanas, vítimas do desejo que as ata entre si. Se você fala de Deus, algumas vezes pensa em amor, outras vezes pensa em força e crueldade - mas creia-me, não há, absolutamente, limite para Deus. Ele contém tudo em si - supremo em amor, supremo em ódio e crueldade. É a base de tudo que existe, e a base, portanto, das partículas que somos. E nós temos de passar para o Ser Infinito - para esse Ele que não é para ser visto nem compreendido. De tempos em tempos Ele desce ao mundo para destruir; também desce para sorrir e fazer-se fertilidade e abundância. Tudo vem dele; o homem não tem parte em nada.*

Assim terminou minha primeira experiência de escrita automática. O discurso de Johannes sobre a guerra parece lógico, porque a lição do mundo não nos dá muita esperança de destruir esse cancro. Se aceitarmos Johannes como espírito de alta inteligência, não há razão para termos suas opiniões como pueris. Sua opinião toma base na observação da luta humana por milhares de anos. Mas talvez a evolução do nosso plano físico acabe vencendo esta avassaladora estupidez - e eu, de mim, enquanto viva, não cessarei de protestar contra a loucura selvagem.

Quando fala de Deus, Johannes define-se pela aceitação, mas confessa que apesar dos seus séculos de vida no além ainda não chegou à compreensão dessa misteriosa força.

Também me parece que seja esta a mais justa conceção de Deus. Se é ele o grande Espírito que percebemos por intuição, será insolência pretender entrar na sua intimidade logo depois da nossa saída desta vidinha elementar na terra. Aqui na terra vivemos grosseiramente os primeiros momentos da vida da alma, e em nossa viagem para a perfeição eterna não passamos de meros infantes que aprendem as

primeiras lições da experiência e que das nossas loucuras vamos colhendo, aqui e ali, algumas migalhas de sabedoria.

CAPÍTULO III
A FILOSOFIA DO SEXO

BRADLEY - Quer dizer-me, Johannes, o seu modo de encarar a questão do sexo do ponto de vista moral, e também se o instinto sexual persiste no além?

JOHANNES - Parece-me simples a resposta. Quer saber se o sexo continua deste lado e como o encaramos do ponto de vista moral?

BRADLEY - Sim, as duas coisas.

JOHANNES - Se o sexo continua, primeiro. Procurarei explicar que na realidade o sexo consiste na fusão perfeita de duas metades em um todo. Sem dúvida que aqui isso continua, mas não no sentido terreno. Estamos desembaraçados do corpo, transformados em só alma e espírito, mas o sexo continua de espírito a espírito; o espírito masculino aperfeiçoa o feminino, fazendo que novos pensamentos e ideias nasçam dessa ligação. Constitui erro da parte dos humanos supor que o sexo desaparece no além. O sexo é a raiz da vida da vida das ideias tanto quanto da vida das crianças na terra, e continha desde o princípio até o fim, porque os espíritos devem completar-se mutuamente, como as mentes se completam. Está me seguindo?

Meus caros, sinto que vocês nos compreendem muito pouco, do mesmo modo que se compreendem pouco aí mesmo. O universo é governado pela atração das partículas. Essa, a lei fundamental. Sexo é um ramo dessa grande lei que rege a terra, o sol, as constelações, tudo.

BRADLEY - E o do ponto de vista moral?

JOHANNES - Meu caro, por que uma criatura que me parece sensata e até sábia me propõe uma questão assim tola? Não há moral. Nada é moral ou imoral. O que há é sabedoria e insensatez, e o mau uso do sexo na terra não passa de uma forma de insensatez. Se os da terra pudessem apreciar o que há de sabedoria na moralidade, cessaria de haver imoralidade. Aqui há menos imoralidade, porque estamos em

melhor situação para apreciar a parte mental dos outros, mas também há certa soma de insensatez que muitas vezes temos de pagar.

Antes de chegarmos a certo estágio de desenvolvimento, também, aqui se cometem atos de insensatez. A parte mental acha-se aqui exposta, de um modo de todo incompreensível aos da terra, e por isso há menos erros oriundos do temperamento; mas como o espírito permanece oculto, torna-se às vezes suscetível de erros que correspondem aos vossos disparates sexuais, o que atrasa os nossos progressos, como esses disparates vos atrasam na terra. Quer mais alguma coisa neste assunto?

BRADLEY - Sim. Diga-me qual o ser superior, o homem ou a mulher?

JOHANNES - Nenhum dos dois é superior ou inferior ao outro. Tais expressões não podem aplicar-se às metades de um todo. A mulher é a mesma coisa aqui e aí. É o poder que cria os ideais do homem. É o grande criador, não só de novos seres, como de novos pensamentos. Sua responsabilidade é ainda maior que a do homem. Não somente a mulher dá-se aos filhos, como realmente cria os altos ou baixos ideais do ser masculino. Por esta razão é que é escolhida quando há a realizar-se um ato nobre ou santo. Esta a sua herança, a sua responsabilidade. Mas disto não se deduz que o homem não seja igual a ela.

O homem não é superior à mulher; não lhe dá ideais como ela o dá a ele; mas o homem a contém dentro de si como o jarro contém a flor - e pode formá-la ou destruí-la, conforme o seu desejo. O homem é mais forte, embora a mulher conduza a carga mais pesada. Aqui sucede o mesmo que na terra. A mulher sobrevive como alma feminina; o homem, como alma masculina. Devo observar, porém, que o que na terra chamais amor nada tem que ver com isto. O amor existe de muitas outras maneiras. O sexo é uma lei; o amor é uma inspiração. Compreenda a distinção e nunca os confunda.

BRADLEY - Que acontece no caso do homem que amou mais de uma mulher ou da mulher que amou mais de um homem?

JOHANNES - Há graus no amor, como em tudo mais. Homem e mulher são realmente partes de um todo, e a vossa ideia das afinidades eletivas, tantas vezes motejada, não é errônea; os que se amam na terra encontram-se aqui - mas

conhecendo muito mais dos seus respetivos espíritos. A afinidade eletiva faz que se reconheçam imediatamente. Unem-se e completam-se mutuamente.

BRADLEY - Sim, compreendo que o amor seja uma inspiração. Mas, diga-me se duas criaturas que na terra se amam poderão encontrar-se na outra vida.

JOHANNES - O amor é uma atração. Quando existe amor, há certeza de encontro aqui. Esta é a lei de atração de que falei. Os que se amaram na terra, encontram-se no além. Não podem evitar o encontro. Mas quando o que existe na terra é simples atração sexual, já não acontece o mesmo, porque a atração sexual até na terra é de vida curta. O demais é amizade, mas esta completação do todo não se evita aqui.

BRADLEY - E qual a posição do homem que nunca amou nem foi amado?

JOHANNES - É mais difícil. A natureza o fez como metade de uma noz sem a outra metade correspondente; e esse homem erra por aqui em procura da sua metade, que existirá, mas em outro grau de desenvolvimento. Provavelmente só se encontrarão depois do transcurso de muito tempo. O isolamento em que fica esse homem-metade prejudica o seu progresso.

BRADLEY - Vejamos agora o caso do homem que foi feliz no casamento e tem filhos. Ama a mulher e aos filhos, mas também ama outra mulher, não fisicamente apenas, mas de espírito e alma - ou com inspiração, como você diz. Que acontece se quebrar a ligação com uma destas mulheres?

JOHANNES - Parece-me uma questão difícil. É perigoso rompera ligação de duas criaturas quando há filhos. Explicarei por que. Ainda não chegou a hora dessa perfeição mental que não se rompe de modo nenhum enquanto o homem está na terra e se perpetua em filhos. Mas havemos também de levar em conta a dor infligida à outra mulher que ele considera sua. Figuro-me o caso em que o homem infligisse à mulher uma ferida que levaria muito tempo para sarar, mesmo aqui.

Temos que pesar estes dois pontos. Será bom ficar com ela; será mau para a continuação de si mesmo e dos filhos. Não vejo o caso do ponto do justo ou do injusto. Na realidade estes extremos não existem, a não ser nos casos de crueldade e dureza, que são os únicos pecados reais. Neste ponto houve uma interrupção, finda a qual Johannes disse: Oscar Wilde está presente: Pausa.

MRS. TRAVERS (para Bradley) - Johannes diz que não suporta Wilde. Desgostou-se muito quando tomamos primeira comunicação desse homem.

JOHANNES (voltando) - Fi-lo retirar-se. É uma personalidade desagradável, mas desde que os monges de Glastonbury se manifestaram (1) tornou-se menos perigoso para vocês. Não oponho objeções a que ele de vez em quando se comunique.

(1) Refere-se à mensagem de Glastonbury.

MRS. TRAVERS - Johannes, poderá dar-me sua opinião sobre Bradley?

JOHANNES- Parece-me que há uma curiosa combinação no seu caráter. Uma profunda tendência para crer, aliada a uma força raciocinante e negadora. Como se duas mentes habitassem a mesma pessoa, e constantemente se contradissessem. Uma procura evitar que a outra creia. Esta segunda tem mais império e a primeira sofre de ser reprimida. Neste homem existe uma certa verdade. Crê que as coisas vão difundir-se. A ideia do aniquilamento da personalidade não o comove, dada a sua mente raciocinante; mas esse conflito sempre o fará sofrer.

Aqui terminou a sessão, que foi bastante curiosa. É de supor que Johannes apenas dá as suas opiniões pessoais, decorrentes do conhecimento individual e das inclinações da sua inteligência.

Seria erro admitir que suas opiniões fossem as "opiniões do mundo do espírito". Outras inteligências do além terão outras ideias. Nada deve ser cristalizado. O que se cristaliza perde a sensibilidade e mata a emoção. Quando a vibração cessa, a rigidez a substitui.

O sexo tem para o homem um interesse permanente; é portanto sugestivo sabermos que o sexo subsiste no além, embora sob forma mais espiritual e suscetível de produzir êxtase mais perfeito. Há poesia no conceito de Johannes, de que da ligação dos espíritos masculinos e femininos novos pensamentos e ideias surgem. Quanto à moralidade – uma convenção humana que cobre uma multidão de hipócritas - a ideia de Johannes é a mesma de todos os intelectos desenvolvidos. Moralidade ou imoralidade não passa de uma questão de uso ou abuso, de sabedoria ou insensatez.

A ideia de que o homem e a mulher possam amar-se da maneira mais alta e que

isso receba a condenação de um estreito código moral, é absurda. Decorre da barbárie mental.

A teoria de que as afinidades eletivas levam as criaturas encontrar-se e unir-se no além, adapta-se ao sistema, e até que cheguemos a um mais alto estado de compreensão ou inteligência não podemos distinguir com certeza qual é realmente a nossa alma afim. Que o homem e a mulher acabem fundindo-se num todo é ideia que coincide com o esquema místico da criação como o compreendemos.

É provável que as complicações que na terra nos atormentam a personalidade se desvaneçam com o nosso desenvolvimento superior. E grandemente consola a ideia de que o amor e a emoção sobrevivem, e que diante de nós se abrem as perspetivas de novos êxtases de uma sublimada perfeição.

CAPÍTULO IV
A INIQUIDADE DA CHACINA HUMANA

16 de outubro.

Continuamos os nossos encontros com Johannes.

BRADLEY - Sinto-me profundamente interessado na sua filosofia, Johannes, mas antes de reiniciar a discussão gostaria que me dissesse algo do seu viver na terra.

JOHANNES - Tenho que recuar muito para dizer da minha vida terrena. Sou um judeu nascido na Judeia. Sempre senti grande interesse pelo estudo, e estudei profundamente as obras daqueles povos vis que preservavam cadáveres. Tornei-me versado nas ideias que os levavam a essa prática sinistra. O estudo das leis do Egito me era necessário para a compreensão da minha religião; mas quando cheguei a ponto de julgar, compreendi que minha religião era tão estéril como a dos egípcios, e por algum tempo perdi o interesse pela filosofia. Tenho o espírito aberto, e se vivesse quando Jesus foi condenado teria sido um dos seus discípulos. porque Jesus contribuiu para o progresso. O velho credo judaico foi feito com o fim de suprimir as ideias e paralisar o desenvolvimento. Talvez estas palavras vos surpreendam, mas é graças à minha forma de espírito que estou hoje em posição de ter memória coletiva. Fui no meu tempo considerado um homem de sabedoria. Estive em todos os templos da minha pátria e aprendi o máximo que era possível aprender na época. E vi o que há de néscio nas religiões.

BRADLEY - A decomposição do corpo sobrevém no fim da vida na terra. Supomos que a alma, ou o espírito, continua a viver em outra esfera. Pergunto: é admissível que chegue momento em que o espírito morre ou passe a outra forma de existência?

JOHANNES - Diz você que depois da morte física o espírito parece continuar vivendo. E quer saber o que acontece depois. Vou explicar à sua mente limitada a que se dá no ilimitado, no infinito. Quem nasce forma-se de três partes. Uma é o corpo. Na realidade o corpo não passa de um manto que rodeia e protege a parte preciosa, que é a personalidade. A segunda parte é a que rodeia e cobre o espírito – o que os homens chamam alma, ou instinto, o que constitui algo à parte. Esta alma, como a chamais, é inteiramente intelectual e, num sentido, limitada, porque é governada pela razão. Quando na morte largais o vosso manto material, penetrais num mundo com a alma encerrada no seu envoltório. O período em que a alma se conserva dentro desse envoltório é longo, muito mais longo que o da vida terrena. E durante esse período dão-se muitas experiências na passagem de uma esfera para outra, de um plano para outro.

Ora bem, as esferas são lugares, como vocês na terra os concebem. Nesses lugares ficam as almas que ainda estão aprendendo o que é preciso saber, e os planos são planos intelectuais. À medida que a alma aprende, passa de um plano para outro. Em dado ponto do desenvolvimento chega ao estágio a que cheguei. É possível então rever a obra feita e o caminho percorrido. Antes disso as diferentes etapas permanecem separadas e delas só há uma recordação fragmentária. Depois desta última etapa em que ainda conservamos a alma e a mente, vem à segunda morte, que é quando o espírito se desprende da alma e fica mera intuição. É um repouso, uma paz que não pode comparar-se a nada do que imaginais na terra.

BRADLEY - A exposição está magnífica. Diga-me agora: Como julga a quem tira a vida de outra criatura, seja por vingança pessoal, seja nas matanças coletivas das guerras?

JOHANNES - O ponto é muito importante. Atenção. Tenho que começar explicando que não falo do bem ou do mal. Falo de sabedoria e insensatez, e portanto procure interpretar-me corretamente. Contrai uma grande responsabilidade o homem que corta o fio de uma vida em vez de deixá-la atingir

naturalmente o seu fim. Isso constitui a maior insensatez e o mais severo castigo recaem sobre quem corta o fio de sua própria vida.

É como se alguém devorasse o próprio corpo, caso, entretanto, que não pode dar-se. O ato que corta o fio da vida provém do corpo. É uma vingança do corpo contra a alma. Corresponde a lançar a alma nas trevas e a criar um longo período em que o desenvolvimento se torna impossível. Compreende agora por que o suicídio é tão condenável? Menos insensato será matar o próximo do que a si mesmo, porque o assassinato é vingança de corpo contra corpo, enquanto o suicídio é vingança do corpo contra o espírito.

Pergunta-me você sobre a matança em massa, promovida em nome de uma causa. Inútil dizer que isto é duplamente criminoso. O que é o indivíduo para a multidão, é a guerra para o assassino. Não se trata de vingança, mas de um desejo de destruir que vem diretamente da carne e esmaga o espírito. E assim como o suicídio é mais insensato que o assassínio, assim também a guerra civil é mais insensata que as outras. Suponho que já ponderou nisto. A guerra civil produz mais misérias imediatas do que qualquer outra forma de luta. Aqui no além também há lutas, mas são lutas que não podem destruir; só podem ferir, porque o nosso manto de alma, que reveste o espírito, está tão mais protegido que o vosso manto de corpo na terra, que não é provável que no-lo arranquem antes do tempo, como arrancam o corpo na terra.

Tratarei agora das ideias humanas sobre a justiça. Justiça é palavra mal empregada. A lei que condena um homem a perder a vida só é perigosa para os que a aplicam. Não me refiro aos que são pagos para administrar a lei, mas aos que estão de acordo em que se mate. Matar é um crime, e os tão cegos e errados que creem livrar o mundo de uma peste, verificarão que o remorso se torna castigo pior que o que infligiram. Por que há de ser um homem condenado por muitos? Existem na terra homens de completa brutalidade, mas temos de considerar que são criaturas de desenvolvimento mental interrompido.

Tendes de refletir que a terra é o laboratório onde se fabricam coisas classificadas de boas ou más. Alguns seres não têm probabilidades de viver porque são defeituosos. Isto significa, aqui no além, que o seu progresso será lento depois da morte; mas se na sua insensatez o homem corta o fio dessa vida e com uma grande ferida aberta arroja tal alma para aqui, o progresso dessa alma ficará paralisado por longo período de tempo. E quando vierdes para aqui e

compreenderdes a estupidez cometida, sofrereis intensamente por haverdes condenado uma criatura a tão grande interregno na sua evolução espiritual. O homicida pagará de qualquer modo o seu crime. O que os homens têm a fazer é apenas impedir que ele repita o ato de loucura.

BRADLEY - Quero agora propor uma questão sugerida por um companheiro de estudos. Reencarnam-se na terra os seres humanos? E, sendo assim, há um momento na vida de um homem em que lhe acuda ao espírito, consciente ou inconscientemente, de forma definida, a possibilidade de suas anteriores reencarnações?

JOHANNES - Certamente sabeis que não voltareis a terra e nela nunca estivestes antes, mas vossos amigos e entes, amados são velhos conhecimentos dos quais não vos separareis no além. Tendes estado em muitos lugares, alguns muito mais interessantes do que o em que agora estais, e irão para muitos outros. Por que desejaríeis voltar? Os lugares já frequentados tornam-se velhos e difusos e o anseio para lugares novos é sempre vivo. Há o desejo de mundos novos. Daqui passareis para outra estrela, a uma das estrelas azuis mais jovens que o mundo em que vos achais.

Se um de vós fez de sua vida algo miserável, passará a uma estrela mais velha, voltará para trás, e a vida lhe será menos vívida, mais comatosa. Tudo está em vossas mãos. Não existe o fato inexorável; tudo poderá fazer se tendes o desejo forte de o fazer; e se vosso desejo se dirige ao mental e não ao físico, fica-vos assegurada à passagem para plano mais vivido e jovem. Mas nunca há volta à velha terra. A passagem por ela é uma só, de uma vez para sempre. Mas num certo sentido existe reencarnação. É possível retornar a um corpo ainda mais material, se a criatura tiver bastante insensatez para tanto. (1)

*(1) Estas ideias de Johannes parecem confusas, mas um estudo cuidadoso as esclarece.**

Terminou aqui a sessão. Foi-nos agradável conhecer a personalidade de Johannes na terra e cada vez mais me sinto atraído pela sua mentalidade.

Além dos problemas humanos ele nos dá a teoria de uma segunda morte, e da alma. Aqui na terra dependemos do corpo físico, e depois de séculos de experiência em outras esferas abandonamos o manto da alma para converter-nos em puros espíritos - etapa a que Johannes ainda não chegou. Inútil que nos esforcemos por

compreender isto. A única ideia que podemos formar é de que seja um estado de fusão com a divindade.

Diz Johannes que o suicídio é considerado o pior dos crimes, ponto em que estou de acordo. Vingança do corpo sobre a alma, sim. Desejo do olvido eterno, mas o olvido que daí sobrevém é o horror do olvido consciente sem a força espiritual que leva a esforços para o desenvolvimento. Nascemos com a vontade livre. Dentro de nós há a chispa divina que podemos converter em eterno fulgor. Nossa permanência nesta vida não tem importância, como não tem importância o progresso material. O que tem importância é o modo de desenvolver a alma e o espírito.

Analisando os graus de criminalidade da matança entre os homens, Johannes declara que a guerra é no dobro mais criminosa que o assassinato. Isto corresponde às ideias que intrepidamente expus em 1916 e em 1917 ao tratar da guerra, quando os covardes organizadores da matança recearam mandar-me à prisão, vendo em mim um lutador de maior força de propósitos que eles.

Os pigmeus do poder político deviam reunir os resíduos da sua inteligência e meditar um instante. Podem continuar com o seu miserável jogo de organizar chacinas enquanto se alojam na segurança de suas salas de conselhos. Mas se lhes for possível perceber que a vida é uma eternidade de que não há escapatória, lembre-se que se hão condenado a séculos de trevas no além.

A herança do homem é a chama divina. Se esta herança é prodigamente dissipada num bacanal de crueldade durante o breve espaço de tempo de nossa vida na terra, uma inevitável justiça decretará, como pena para este crime, imensos períodos de pobreza espiritual e esforço penoso, até que o patrimônio perdido seja restaurado.

A guerra é em dobro mais criminosa que o assassínio. Johannes trata da justiça humana e diz que é um crime a condenação de um homem de acordo com as nossas leis. Os homens revelam as mais arrogantes presunções. Em sua ignorância consideram a vida apenas do lado físico e arrogam-se os direitos de dela dispor, autorizados por leis que eles mesmos fizeram. Mas homem nenhum tem o direito de ordenar o corte do fio de uma vida que não é sua.

A pena de morte precisa ser abolida. Para defesa contra o homicida basta restringir a sua liberdade de ação. Ele poderá, na reclusão, compreender o seu crime e regenerar-se de alma.

Temos que conservar sempre à vista um ponto: existe no homicídio uma causa pessoal, mas na guerra não. A guerra é a matança organizada. O homem se oculta numa trincheira e de lá arroja granadas contra homens desconhecidos; ou de um avião lança bombas sobre aglomerações de seres humanos contra os quais não tem nenhuma queixa pessoal. Pode assim destruir seres que seriam seus amigos, se os encontrasse na vida. Haverá lógica, sentido, justiça, ou algo que não seja pura bestialidade, num sistema destes? Será possível que nos vangloriemos de alta civilização e permitamos a vigência de uma tão bestial filosofia?

Para podermos sonhar com o progresso temos de destruir este sistema. Não há maior insulto à inteligência humana do que ver o crime da guerra aclamado, propiciado, alentado, não só pelos corruptos governos do mundo, como pelas Igrejas que prostituem os códigos elementares e por malignidade vilipendiam o grande Deus que exaltam. Aos olhos dessas Igrejas o Deus delas tem mais maldade que a encontrada no pior dos homens.

CAPÍTULO V
A ARTE DAS OUTRAS ESFERAS

A conversa com Johannes continuou caracterizada pela rapidez da fluência.

BRADLEY - Quer explicar-nos por que se julga necessário que nós na terra soframos dores mentais e físicas?

JOHANNES - A dor faz parte da experiência. É fácil compreender que a vida na terra e no além seja necessária à experiência. Não há beleza sem contrastes. Luz e trevas! Alegria e dor! Consigo mesmo você percebe que não teria gozado as delícias do êxtase se não tivesse passado pela experiência da dor, sobretudo as dores mentais, que para a alma é muito mais preciosa que a dor física. A dor é necessária para a conquista dos progressos que temos aqui. E também aqui experimentamos alegria e dor, embora com significação diferente. Dor e alegria: dois dons dos mais altos, que muitas criaturas na terra não alcançam. Quem não gozou o êxtase perfeito e não sofreu a dor mais profunda, não tem ideia real do colorido sistema do universo. Se a alguém na terra fosse negado o sofrimento, esse alguém entraria aqui como o ser humano entra na vida - sem vista e sem ouvidos. E não perceberia os mais preciosos sons do universo. Supõe você que quem abandona o corpo e passa-se para aqui está liberto da dor? Não! Sentirá a dor ainda, mas de modo diferente, não mais a dor física ou o desespero mental que os da terra conhecem. Não dor

corpórea, pois que já não terá corpo, mas o espírito poderá ser ferido e a dor será mais pungente.

BRADLEY - Qual o caráter terreno mais desenvolvido: o do guerreiro ou o do homem que ama intensamente?

JOHANNES - Pela palavra guerreiro designa você o homem disposto a lutar por qualquer causa que defenda?

BRADLEY - Sim.

JOHANNES - A guerra é manifestação da eterna estupidez da força bruta, e portanto o guerreiro não tem o valor do artista, porque o artista é uma criação do amor. Pode ficar certo disto, e aqui do meu lado nem compreendo que me seja proposta uma tal questão. O artista é o verdadeiro filho de Deus. É a criatura mais bem dotada de espírito divino. Jesus, o vosso divino profeta, foi o maior dos amantes e dos artistas. Jesus entreteceu de música, poesia e cor a sua conceção da vida; e quem lhe penetra os ensinamentos apreende com que extensão ele compreendia o amor e o artista. Já não posso dizer o mesmo do guerreiro, porque no além esse tipo de homem não é exaltado como na terra. É o homem que perdeu o melhor, que não conseguiu chegar ao essencial e só viu o que para o homem que ama é secundário.

Estou seguro, meu caro, de que você não é tão néscio que ponha em plano de comparação esses dois tipos. Porque você pertence ao tipo do homem de amor, não ao de guerra. Inútil propor-me questões de respostas tão óbvias. Quando me pergunta coisas assim eu sinto que me supõe um ser humanamente vulgar. Ninguém na terra ignora que o homem de amor ocupa a primeiro plano no céu, como dizem vocês. E mesmo na terra é o que ocupa os planos mais altos. Quero dizer que seus pensamentos movem-se numa atmosfera diferente. Não pode haver real camaradagem entre os que não são verdadeiramente irmãos.

BRADLEY - Obrigado, Johannes, pela sua confirmação filosófica. Posso agora perguntar como é a vida nas outras esferas? Vivem os espíritos em casas? Andam pela terra?

JOHANNES - Bem. Começa a perguntar-me coisas sobre que posso instruí-lo. Não me é fácil falar deste assunto para pessoas dotadas apenas da imaginação

existente na terra. Creio que me compreende. Mas antes é preciso que saiba qual é o processo da morte. Já expliquei que ao abandonar o corpo ficamos divididos em duas partes, mente e espírito.

A morte é pois um nascimento. Depois de abandonada a parte material, que é o corpo, entramos num período de descanso. Um guia nos leva a um lugar que nos parece escuro e quente, onde permanecemos em estado de passividade até que possamos compreender e suportar as novas condições em que nos achamos. Depois disto passamos algum tempo numa das esferas inferiores, em que nos vamos acostumando a viver sem o corpo. Já não temos necessidade de alimento físico, mas necessitamos de abrigo e cuidados - e lá encontramos abrigo e cuidados. Sei o que você quer que eu descreva.

Primeiro, se há cidades como as que existem na terra. Não posso dizer que as haja. Em nosso plano não existe a vida em aglomerações como no mundo; isso se torna impossível em nossa atmosfera, e no entanto vivemos em comunidades muito mais íntimas do que as de vocês. Aqui vemos o espírito dos outros, o que nos facilita o ajudar-nos mutuamente. Mas não tome em sentido errado o que quero dizer. O fim último é realizar-nos a nós mesmos, não ajudar aos outros. Tenha isto em mente: a completação, o aprimoramento do nosso espírito é a mira suprema. Muito ouço por aqui a palavra "ajudar". Entreajudamo-nos, sim, uns aos outros, mas a razão fundamental dessa atitude está no benefício que a mutualidade nos traz. Esta é a raiz da lei que nos governa.

BRADLEY - Suas palavras parecem-me da mais alta filosofia. E as artes? São cultivadas nas outras esferas? Artes como a do pintor ou do escritor? Aparecem aí novas obras de literatura?

JOHANNES - A boa pergunta seria se os homens na terra podem ter uma conceção do que é a arte aqui. Em nossa esfera todos os amantes estão em obra e revelam faculdades que os homens não possuem. Alcançam níveis que na terra seriam impossíveis. Falam vocês de artes; nós falamos da arte. Entre uma mente e outra existe uma estreita ligação, de modo que a arte é una. Consiste na fusão de todas as mentes. Há, entretanto, uma forma de arte que se aproxima do espírito mais do que as outras, e até no pequeno mundinho da terra realiza o que as outras não conseguem. Refiro-me à música, ou ao som, se prefere. Na terra a música não pode ser expressa com palavras ou cor, porque em grande extensão é espírito. É a glória do movimento, do crescimento. Cada som do universo combina-se com outros

e forma harmonias ou discordâncias. E aqui, onde as mentes são mais delicadas, a música atinge um ponto que ninguém na terra pode conceber.

Quero explicar a relação entre as artes. Cor e som são íntimos aliados. Cada som tem seu acompanhamento de cores e tons. São as diferentes expressões do movimento. Há a representação pictórica do espírito. Estou generalizando porque quero dar ideia do lugar que o escritor ocupa aqui. O escritor tem dois fins, um duplo objetivo. Sua tarefa é dar expressão ao espírito por meio de ideias alheias. São, por assim dizer, médiuns, com capacidade de receber e reexpedir ideias da mentalidade coletiva, e tem grande responsabilidade, porque não é instintivamente que adquirem força, sim a tomando de outras mentes.

Recebem essa força e encarrega-se de aclarar as ideias. Sua obra lhes é uma função natural, como no organismo humano a assimilação dos alimentos; trabalham porque isso é função do seu ser e isso os mantém vivos como mentalidade. Compreende? Quero que perceba a relação aqui no além destes três ramos do amor. Amor pelo movimento do universo; amor pelas expressões deste movimento - uniformidade e cor; e assimilação e nova apresentação não só de ideias de outras mentes como também da significação dos ramos intuitivos da arte.

BRADLEY - Diga-me das funções do escultor e do pintor nessa esfera.

JOHANNES - Exprimem a ideia plástica. Quero dizer que põem em forma concreta os sentimentos que a intuição evoca, com um uso muito sutil de forma e da cor. Aqui no além forma e cor exprimem muito mais do que na terra. Não fazemos quadros de paisagens e pessoas. Pintamos pensamentos, ideias, pulsações, e podemos dar forma à beleza e o horror, coisa impossível aos homens. Aqui do nosso lado não é preciso nenhum esforço para pintar ou dar forma ao pensamento. Na terra o homem necessita esforçar-se para formar pensamentos porque o mistério do processo está oculto ao homem; quando vierdes para aqui tereis a revelação desse processo, para vossa alegria e espanto.*

Seduziu-me a esplendida filosofia de Johannes sobre a dor e o prazer. Só a insensatez desejaria cultivar o negativismo da felicidade terrena. Repousar em paz seria um aterrador esquecimento.

Se pedi a Johannes o paralelo entre o homem de amor e o homem de guerra foi apenas como desafio à estupidez dos valores humanos. O chamado grande guerreiro não passa de um ser estúpido que se rebolca no lodo da terra. Sua

mentalidade é nauseante. Os artistas raros perdem tempo em rastrear-lhe a baixa inteligência. Consideramo-los como javardos que o cheiro do próprio esterco excita. Não podemos ter tais homens como nossos irmãos, sim como animais que vomitam perpetuamente as imundícies que consomem.

O intelecto do guerreiro nem sequer possui a irritação estimulante do piolho; é o estercorário a revolver-se na sua podridão.

Dar um alto valor a tal tipo de homem é absurdo. Seria o mesmo que comparar a obra do pedreiro tradeunionista ao grande Arquiteto do Universo.

Quando descreve as condições da vida no além, Johannes desdobra diante de nós outra grande filosofia. Essa filosofia justifica a essência do espírito de todos os artistas: a suprema realização de si próprios.

CAPÍTULO VI
DESTRUIÇÃO DA RELIGIÃO DE CRISTO

30 de Outubro.

Esta sessão realizou-se na noite da reprise, no Teatro Haymarket, da peça de Oscar Wilde, The Importance of Being Ernest. Depois de convidar a Sr.ª Travers para assistir à representação a empresa lhe pediu que obtivesse a opinião do espírito de Wilde sobre a mesma. Esse juízo crítico de Wilde comunicado a Sr.ª Travers constitui a coisa mais divertida do mundo - e a mais desconcertante. Foi publicada em vários jornais. Nessa sessão estiveram presentes minha esposa e o escultor Charles Sykes com a mulher, que se ocuparam em observar os métodos da comunicação.

A Sr.ª Travers e eu funcionamos como recetores e os demais como espectadores. Cumpre notar que nunca reina nenhuma atmosfera de pesada seriedade quando Mrs. Travers e eu realizamos sessões. Fumamos os dois e rimo-nos, e conversamos sobre mil coisas. Estávamos assim nessa noite, quando a Sr.ª Travers estremeceu e Johannes começou.

JOHANNES - Por que estou aqui? Tenho a sensação de um recinto cheio de gente. Vejo várias pessoas que se apinham e nos miram. Todas me despertam curiosidade. Vestem-se de maneira invulgar. Terão vindo para divertir-se? São todas sombras, mas parecem-me criadas pelo cérebro de alguém. Sei

perfeitamente que não passam de fantasmas que querem, os infelizes, converter-se em realidades. Eu gostaria imenso que parassem de mirar-me.

BRADLEY - Tenho duas ou três questões a propor, Johannes. Aqui na terra aceitamos Cristo e suas ideias de amor, mas nas chamadas religiões cristãs os princípios de Cristo nunca são praticados; e se o fossem, seria matéria de motejo. Diga-me, como é Cristo considerado nessa esfera? Aceitam-no como o Filho de Deus, ou no sentido de filho de Deus como todos nós o somos?

JOHANNES - Vou falar de Cristo como o vemos daqui. Direi o que dele penso. Cristo é filho de Deus, como todos nós o somos. Mas possui mais espírito do que vós. Um grande pensador; também um profeta; mas suas ideias não são as que usais na terra, porque suas ideias não puderam perfurar a grossa casca dos interesses egoísticos do mundo. Aqui não há desses interesses. Isso é coisa que se esvai quando perdeis o envoltório do corpo. Mas Cristo aqui é uma influência, uma grande influência - e em certo sentido realizou a sua obra no mundo. Explicar-me-ei. Sua luz chegou como a luz de uma estrela chega a terra.

A princípio a sua influência aumentou o caos do mundo, em vez de auxiliar o mundo a alcançar a paz que ele pregava. Mas gradualmente a mudança que ele pregava abriu caminho e deixou marcas. Compreende o que quero dizer? Isto deu resultado, e agora se inicia uma nova era em que o homem pode agir sem o ideal impossível que por tanto tempo lhe serviu de guia nas trevas. Cristo é olhado aqui como o maior dos profetas. Não como um Deus a ser adorado, mas como um artista - um homem de amor, bem como um filósofo, porque a sua filosofia do amor e do sacrifício, embora velha como o mundo, trouxe novas belezas. Mas muito depressa - logo depois que Cristo produziu a sua última impressão psíquica sobre o mundo - os homens tudo mudaram completamente. Isto adveio dos homens, não dos ensinamentos de Cristo, porque os ensinamentos de Cristo provinham desses súbitos clarões que de quando em quando iluminam o mundo.

Estes clarões de luz lançam raios brilhantes, mas deixam após si sombras mais densas. Aqui no além Cristo é ainda uma unidade, uma influência singular. Resplandece como resplandeceu no mundo, e lança luz sobre os seus problemas particulares. Não sobre o problema universal, já que somente a grande multidão de sábios, poetas, artistas e amantes pode tratar deste problema cósmico.

BRADLEY - Dando como assente que a criação dos seres humanos forma parte

do sistema universal, como julgam as inteligências do além o problema da restrição da natalidade?

JOHANNES - Pensamento estimulante. Interessa-me a questão porque é para vocês um problema insolúvel. Aqui para nós parecem-nos pueris os esforços para controlar o nascimento de novas criaturas. Como controlar o vento ou o mar? O nascimento é uma força maior que o vento ou o mar; podeis brincar com o problema, mas as leis naturais vos esmagarão como esmagais um escaravelho. Tanto faz pretender controlar o nascimento como controlar as estrelas. Os átomos que pensais destruir voltam para cá para serem reenviados de novo a fim de que deem todo o seu rendimento. Não vos iludais com isto. O universo é um vasto campo evolutivo em que nada foge ou erra o seu objetivo.

BRADLEY - E sobre a cremação, que nos diz? Para mim isto não representa nenhum problema, já que pouco me importa o que suceda ao corpo depois que o espírito o abandona. Pergunto-o em atenção aos que pensam de modo diverso.
JOHANNES - Faço-o saber, meu filho, que você tem o hábito de tirar conclusões muitas vezes bem prematuras. Em certo sentido equivoca-se quanto à cremação dos cadáveres. Aos meus olhos é um crime conservar o envoltório (1) em que reveste a alma e o espírito, mas por outro lado você não tem razão em crer que a súbita destruição do corpo pelo fogo não seja prejudicial.

Em parte o é. Porque, como sabe, existe um frágil envoltório que rodeia a alma, o qual se dissipe pouco depois da morte. Algo parecido com uma membrana e que adquire grande sensibilidade dentro de uma semana depois da morte. Se destrói de modo completo o corpo, esta membrana, que de certo modo ainda está ligada ao corpo, sofre grave dano, e seu sofrimento transmite-se à parte desencarnada. Assim, portanto, não deveis sorrir dos chamados néscios que não creem que o corpo inteiramente se separe do resto depois da morte. Antes que a alma e o espírito deixem as trevas para onde vão logo que deixam o corpo, essa membrana se dissipa - mas não imediatamente.

(1) Alusão aos egípcios, conservadores de cadáveres.

Neste ponto da comunicação alguém o interrompeu com uma pergunta: "Corpo astral?"

JOHANNES - Não. Tolice. Não se trata de um corpo. É algo perecível, meio corporal, meio mental, uma coisa que se dissipa depois da morte mas que os

clarividentes podem ver a rodear a alma.

Aqui o Sr. Sykes pediu-me que propusesse uma pergunta sobre religião e governo, o que fiz da seguinte maneira:

BRADLEY - É a religião realmente necessária ao desenvolvimento de uma alta civilização ou simples astúcia das classes dirigentes a fim de assegurar a obediência do povo?

JOHANNES - Você mesmo poderá responder a isto, se refletir um momento. Com as humanas limitações, por mais alto que tenha a cabeça nenhuma criatura existe sem religião. Religião é apenas um anseio por amor e proteção, coisa totalmente instintiva e de nenhum modo ajeitada pelos governos a fim de assegurar obediência a leis insensatas. Mas a religião foi convertida em máquina pelos que queriam fazer dela um instrumento. Não obstante, o anseio está sempre no âmago da criatura humana - o anseio de amor e proteção.

O uso da religião como instrumento é caso diverso. Creio que é disto que você quer falar- do emprego pervertido da religião. Religião nenhuma foi tão profundamente arruinada como a que o nosso profeta ensinou. Todo o seu valor moral se esvaiu e hoje não passa de mero instrumento a serviço dos propósitos do Estado. Assim, pois, a religião perdeu a sua essência e a criatura humana continua a clamar por amor e proteção e por uma nova forma de fé. Isso está vindo. Está vindo pela compreensão da pequenez do mundo como vós o vedes. É a grande religião da humanidade.

Aqui terminou a comunicação. O Sr. Sykes, que é um agudo observador intelectual, opinou que considerava "fenomenal" a rapidez a fluência da mensagem transmitida.

Johannes referiu-se no começo ao número de fantasmas apinhados em redor de nós. Como fossem estes infelizes, suponho que nenhum de nós foi responsável por sua presença. Todos nós nos sentíamos perfeitamente felizes, embora a felicidade seja coisa muito relativa.

As ideias de Johannes sobre a restrição da natalidade foram definidas. Somos, todos nós, pensa ele, fogo-fátuo do grande sistema universal, e nos iludimos supondo-nos com forças para mudar qualquer coisa. Um átomo que existe não pode ser destruído.

É uma teoria que pede estudo profundo, se admitimos que a alma e o espírito - o pensamento e as ideias - representam a criação. Neste caso é lógico supor que se nossas ideias individuais se opõem à multiplicação da nossa própria progênie, a procriação se anula, porque a nossa ideia é conscientemente estéril. É uma atitude mental. Se introduzirmos um elemento material que não seja espírito, a restrição da natalidade peca por falsa. Impossível controlar o que não existe.

Dando ao argumento uma aplicação pessoal, direi que se só tenho dois filhos, minha imaginação, que representa a parte que tomo no grande todo, estende-se somente a dois seres e não posso imaginar-me na posse de três; consequentemente, a consciência que disto tenho é reforçada por coisas materiais.

Quando Johannes foi consultado sobre Cristo teve altas ideias ao considerá-lo artista, filósofo e homem de amor. Seus ensinamentos realizaram um grande objetivo de comover as almas num trevoso período do mundo - e sua filosofia até hoje perduram incólumes.

É tanta, porém, a força do materialismo humano que, como diz o espírito de Johannes, "nenhuma religião foi tão grandemente arruinado como a de Cristo". Os fundamentos das lições de Cristo foram postos de lado. Seus princípios foram deformados a ponto de se tornarem irreconhecíveis: sua filosofia foi infamemente adaptada às conveniências da Igreja e do Estado. Sua religião do amor foi retorcida, desnaturada, prostituída pela hipocrisia que corrói a inteligência. De tal ordem se transformou em máquina que já nem serve de alavanca para a Igreja ou o Estado.

Como se atrevem as Igrejas a proclamar que obram em nome de Cristo, depois da repugnante covardia e abandono dos princípios cristãos durante a sangueira da Grande Guerra? Manifestou-se a Igreja em contrário? Não aprovou com palavras e atos a repugnante carnificina? As Igrejas perderam a sua razão de existir. Puseram à mostra o seu materialismo. Os soldados nas trincheiras só para imprecações usavam o nome de Cristo.

E depois de findo o cataclismo, a decadência da Igreja persistiu. Por isso o homem, desprezando a Igreja, mas prezando a filosofia do amor de Cristo e esforçando-se por compreender o incompreensível Deus do Universo, comunga com a sua própria alma na solidão.

CAPÍTULO VII
AGILIDADE DA INTELIGÊNCIA HUMANA

2 de novembro, 1923

A espaços, neste livro, tenho aniquilado a teoria telepática ou do subconsciente, com que os céticos procuram explicar os fenômenos psíquicos. O argumento telepático, entretanto, não é absurdo em muitas formas da escrita automática, e embora, a meu ver, este método de comunicação conduza a grandes progressos do pensamento, é difícil estabelecer a sua autenticidade.

A título de experiência escrevi a três dos mais eminentes intelectuais da Inglaterra e sem dizer-lhes que estava cuidando de investigações psíquicas pedi a cada um a formulação de uma pergunta sobre um problema do universo ainda sem solução.

O que eu realmente desejava era conseguir que me fizessem perguntas sobre assuntos de que eu nada entendesse, de modo que nenhuma resposta pudesse ser acoimada de telepática.

Os três intelectuais a que me dirigi eram de reputação mundial - um dramaturgo, um professor e um publicista. E das perguntas formuladas, duas eram de tal natureza que eu jamais teria tentado dar-lhes resposta.

Na manhã de 2 de novembro reuni-me a Sr.ª Travers para a experiência.

BRADLEY - Johannes, vou apresentar três perguntas, formuladas por três pessoas. A primeira, é a seguinte: “Todos temos consciência dos princípios de unidade e variação, ou de universalidade e individualidade, que agem em conjunto na natureza. Onde está o ponto de interação ou o lugar de reunião destes dois opostos?”

JOHANNES - Vou falar do nosso ponto de vista. A universalidade do pensamento é a nossa norma de desenvolvimento. Nós podemos penetrar no pensamento de todas as vossas idades e utilizar essa consciência, como o chamais, para o desenvolvimento da alma, mas compreendemos que se desenvolver da alma individual é o objeto da vida no vosso mundo e no nosso. Vossos pensamentos enublam-se em vossa limitada esfera, mas debaixo de tudo está o conhecimento de

que o importante é a alma como unidade. Todos os vossos pensamentos tendem a um objeto. Aqui, como já disse, vivemos de modo mais comunal do que na terra. Sobretudo porque isto nos oferece mais campo para a permuta de pensamentos. Aí na terra vós vos perguntais:

"Onde se põem em contato os dois pontos?" E eu respondo que isso ocorre, tanto quanto possível em vossa nevoenta intuição; princípios mais claros começarão a desenvolver quando o espírito libertar-se do corpo. Nós aqui compreendemos melhormente o pensamento individual porque podemos ver na mente uns dos outros. Na terra é diferente. há confusão e incompreensão, mas subjacente a tudo existe a ideia subconsciente de que a alma como unidade esta se desenvolvendo através dos demais.

Asseguro-vos que ainda neste momento estais a receber luz e força mental até dos antigos povos imundos que preservaram os cadáveres dos mortos. Eles tinham o conhecimento do bem e do mal formulado de modo muito mais definido do que vós. Estais recolhendo o benefício de pensamentos criados no transcurso de incontáveis anos: os pensamentos da Grécia e de todas as nações. Nesta matéria desejo ser claro. Sou, como sabeis, judeu, mais reconheço que o que haveis recebido dos gregos é mais importante para o vosso desenvolvimento do que o recebido de qualquer outro povo.

Neste ponto tive de fazer pausa porque minha mão era impotente para seguir o fluxo das palavras de Johannes.

JOHANNES - Tem algo mais a perguntar?

BRADLEY - Permita-me que faça outra pergunta. Trata-se de uma questão que não é minha e nem sei como formulá-la. Um dos três a quem escrevi declara em carta que não se preocupa com a imortalidade e com Deus, visto que considera a ambos como improbabilidades. O problema que o interessa é este: "É o mundo qual um relógio em movimento que um dia parará em virtude da divisão equitativa da energia?"

JOHANNES - Pergunta verdadeiramente estúpida! Só pode vir de uma inteligência muita estreita. Essa criatura tem muito intelecto. Está a tal ponto tomada
pelo intelecto que nela o espírito deve sentir-se abafado. Se eu discorresse sobre o assunto teria matéria para toda uma obra, mas como foi apresentado sob forma

de pergunta, tenho de responder de um modo muito geral. Sem dúvida que houve um começo, mas nem sequer nós, os guias que chegamos a polarizar a memória coletiva, apreendemos ainda a grande causa primária. Lá chegaremos um dia, quando nos tornarmos mais intuitivos.

Quanto à comparação do relógio, devo dizer que o universo é uma roda em perpétuo movimento, sempre em mudança. Revolve-se, e à medida que realiza esse perpétuo movimento extinguem-se sóis e luas e de suas cinzas surgem novas estrelas e planetas. Um movimento perpétuo da massa criadora.

Nenhum átomo se perde por mínimo que seja. Esta é a lei. Aí na vossa esfera não tendes ideia da economia do universo. Falo deste modo porque, como já disse, não tenho consciência da causa primeira, mas gostaria de lançar um pouco de luz no cérebro de quem me endereçou a pergunta. É difícil compreender que depois de tantos milênios haja na terra almas que usam seus poderes intelectuais para pear a intuição. Não quero dizer nada de desagradável sobre esse homem. Talvez esteja procurando descobrir a verdade.

BRADLEY - A terceira pergunta não interessa de nenhum modo a mim. Se é verdade que há espectros, o que pressupõe um sentido para uma quarta dimensão - coisa até hoje inconcebível - por que motivo tanto ouvimos falar de casas assombradas, etc. e na Torre de Londres, o lugar por excelência dos fantasmas históricos, torre intacta desde o tempo dos normandos, esses fenômenos não são vistos ou estudados? Se há espectros, ali devem eles refugiar-se

JOHANNES - Devo explicar o que significam espectros. É um fantasma do vosso próprio cérebro, por assim dizer. Não é espírito, nem tampouco matéria. É uma parte da vida mental que deixa um rastro atrás de si, só percetível pelos que têm muito desenvolvida a faculdade da intuição. Não vos iludais imaginando que o espectro que poderíeis ver na torre seja a mesma forma suscetível de aparecer depois da morte ou ao tempo da morte. Quando ocorre a desintegração que segue à morte dá-se uma mistura de condições.

Essas formas são em parte intelectuais, em parte espirituais e materiais. Mas o fantasma que assombra uma casa é outra coisa. É o produto de alguma ideia ou pensamento. É a criação de uma ideia, que geralmente vaga apegada a certos sítios. A razão disto está justamente na extrema vitalidade da ideia. Uma prisão ou um hospício não constituem os lugares mais próprios para campo dos fantasmas, porque dali a vitalidade e a esperança se esvaíram. Muito mais provável que um

assassino ronde o lugar onde sua vítima foi morta do que o lugar onde a vossa insensata justiça o "justiçou".

MRS. TRAVERS SMITH - Nesse caso, então, por que a rainha Maria Stuart ronda o palácio de Holyrrod?

JOHANNES - Maria Stuart não esteve lá como simples prisioneira. Seus pensamentos eram fortes e violentos. Nesse lugar podereis encontrar o amor, ao passo que numa prisão comum o amor fenece e morre, porque não encontra o seu alimento, que é a ternura. O ódio se junta ao ódio e perece. Não pode subsistir em ambientes confinados; necessita o fogo e o êxtase do mal como ajuda para o seu desenvolvimento. As criaturas do ódio e do amor, os homens de espada e os artistas, podem, em estado de emoção, aparecerem certos lugares; mas os que estiveram encarcerados esvaíram-se de suas forças.

A sessão terminou aqui. O tempo consumido nas respostas às minhas perguntas foi de minutos apenas, tal a lapide: com que Johannes falou - rapidez tamanha que me era difícil na anotação taquigráfica, acompanhar-lhe o passo.

Não tenho a mais leve intenção de discutir a lógica e a elevação das respostas recebidas. Isto não me interessa. Mas quero frisar que as perguntas eram embaraçosas e constituíam uma prova difícil.

A hipótese da telepatia não procede no caso, visto co me nem eu, nem a Sr.ª Travers, tínhamos nenhuma opinião sobre os temas abordados.
Sejam quais forem os seus méritos, as respostas vieram de qualquer parte que não o eu subconsciente, porque graças a Deus eu nunca me preocupei com nenhum desses três problemas.

Imagine-se o estado de espírito de um orador ou escritor defrontado por um problema filosófico ao qual tem de dar resposta imediata, sem permissão de refletir um segundo. O normal seria que esse homem pedisse a repetição da pergunta para que o seu cérebro conseguisse apreendê-la melhormente; e depois, se desse resposta, esta viria em palavras lentas e enfáticas*

Com o fim de prolongar a experiência combinamos uma segunda prova. Desta vez a Sr.ª Travers passou a tomar aa notas enquanto Miss Cummings atuava como

médium recetor. Miss Cummings não estivera presente à primeira sessão com a Sr.ª Travers e eu. Seu guia é um espírito de nome Astor, grego antigo, de ideias diferentes das de Johannes.

A discordância da filosofia dos dois não vale como argumento pró ou contra a sobrevivência. Em vez de contradição. É afirmação. Na vida do além não nos tornamos infalíveis; conservamos a memória, a inteligência e a filosofia que tínhamos na terra e que se vão desenvolvendo com a nossa evolução em outras esferas. Sugerir que todas as inteligências são iguais e pensam a mesma coisa, seria pressupor uma esfera estagnada, privada de emoções. É por esse motivo que lá se conservam e se desenvolvem tanto a filosofia grega como a cristã.

MRS. TRAVERS - (fazendo a primeira pergunta) - Todos nós temos consciência dos princípios de unidade e variação ou da universalidade e individualidade que se conjugam no nosso mundo. Onde se encontra o ponto de interação ou o lugar de união destes dois opostos?

ASTOR - Universalidade é um termo frequentemente mal aplicado. É um termo que podia definir-se como o conglomerado de todas as causas primárias. É essencialmente o mistério da vida tal como a representamos, nós, os espíritos e vós, os mortais. Nós, aqui, podemos apreender o significado da palavra individual, mas não o da palavra universal; eu posso, entretanto, pelo menos para vós, interpretar o seu significado quanto à sua aplicação à experiência de mundos mais amplos que o em que viveis. Para nós aqui o todo há que ser sempre uma combinação de muitas partes.

Estas partes mesclam-se e fundem-se a fim de que possamos existir como entidades de mente e espírito. Vós mortais tendes o fator perturbador do envoltório corporal. Para encontrar a universalidade tendes de buscá-la pelo deslocamento de alguma outra partícula, isto é, de algum outro ser humano. No vosso mundo, ainda o homem justo tem de ferir outro para viver. Fere-o inconscientemente, tomando o que devia ser a sua parte.

É o problema do justo e do injusto para o qual o vosso filósofo consultante não encontra solução. Dize-lhe que nunca tente essa impossibilidade. Fazei o saber que o justo e injusto não podem encontrar-se e mesclar-se sem que deixem de existir. Um destrói o outro. O ponto de reunião destes dois opostos? Não existe; só existe o choque de um contra o outro. Esta é a lição que tendes de aprender na terra. Constitui vosso tormento o fato de que estes opostos não encontrem ponto

de reunião; haveis que vos resignar a isso. É do sofrimento que decorre do atrito contínuo entre esses opostos que tirais a vossa experiência. Sei que Johannes quer que haja uma mescla ou fusão. Só há mescla e fusão de mentes, mas não das paixões que governam os homens.

O perpétuo conflito dos desejos condena os homens à luta contínua. Só o desejo os conduz. E como é assim, torna-se impossível, nunca, encontrar um real ponto de contato entre o indivíduo e a comunidade. No quantum a matéria pertence à mente, pode haver encontro e fusão, mas em tudo que é material haverá sempre conflito; tal é a lei da vossa natureza. Possuis palavras para designar certos idealistas; vós os chamais Socialistas ou Comunistas.

São indivíduos bem intencionados que erram num deserto de ignorância em busca desse ponto de encontro do indivíduo e da comunidade, sem se darem conta de que terão de partir o homem ao meio e separar o espírito do corpo, se quiserem realizar o sonho. É possível, no sentido material, que o indivíduo e a comunidade não tenham nenhum ponto de fusão no mundo. Só no sentido espiritual a fusão será alcançada. O desejo impede a unidade. Podemos descrever o desejo entre os homens como o Deus da Guerra, causador do eterno conflito.

MRS. TRAVERS - (propondo a segunda questão) - É o universo como um relógio em movimento que parará em virtude da divisão equitativa na energia?

ASTOR - Que eu admita, não. O universo está de tal modo ordenado que, como tudo, é eterno; suas inumeráveis partículas morrem e renascem. Todas, e cada uma delas, lhe dão essa Segurança eterna. As partículas não podem parar na sua contínua passagem de uma forma para outra, de modo que o mundo não pode morrer. A vossa terra passará; mas outra surgirá com a mesma sucessão de vida em milhões de formas- similares mas não idênticas. O homem que propôs a pergunta possui limitada imaginação. Esse homem não vê que por meio da mudança contínua nas partes e permanência infinita do todo é alcançada.

A Sr.ª Travers, finalmente, propõe a terceira questão, relativa aos espectros.

ASTOR - A pergunta é pueril. O fantasma não passa da forma do pensamento desprendido pela criatura que morre. É uma coisa real. As pessoas de alta sensibilidade podem assistir à produção dos fantasmas, e neste caso vê como se visse um balão, que se enche de ar e assim toma forma sensível à visão humana. Mas a mente e o espírito da pessoa morta não se encontram nesse balão. Os

fantasmas formam-se graças ao pensamento e ao desejo de um médium, quando esse pensamento e esse desejo são suficientemente fortes.

Aparecem às vezes espontaneamente, porque uma tremenda emoção, misturada com o terror da mente, dá-lhes os necessários elementos de materialização. A Torre de Londres dizeis que não é lugar frequentado por espectros. Nada mais natural. Era uma prisão, segundo ouço dizer. Um lugar onde o cérebro dos prisioneiros estava embotado pela triste monotonia de sua sorte, já minado pela insensibilidade do desespero. Desespero não constitui elemento capaz de produzir fantasmas.*

Abstenho-me de fazer comentários sobre as respostas recebidas, mas as experiências pareceram-me dignas de relato.

Em nova sessão com a Sr.ª Travers voltei a ter contato com Johannes para que me desse resposta a outras questões.

BRADLEY - Suponhamos que um homem na terra amou física e mentalmente várias mulheres, dentro ou fora do matrimônio, e sempre com elas procedeu bondosamente, evitando que viessem a sofrer pelo fato de o terem amado. Não me refiro aqui a simples promiscuidade, sim ao amor integral. Pode isto ser considerada insensatez justificadora de castigo na outra vida?

JOHANNES - De modo nenhum. E por uma razão muito simples: isso só depende da natureza do homem. Alguns se parecem, constitucionalmente, com as cordas da lira que têm de ser tocada por muitos dedos para que deem expressões musicais distintas. Para o desenvolvimento da alma é perfeitamente admissível muita qualidade como necessárias. Cada mulher lhe dá alguma coisa, e juntas formam o que ele chama a mulher. Esse homem ganha e perde com a sua natureza. Ganha com a diversidade e perde não alcançando a verdadeira e única afinidade. A mulher poderá vir a sofrer. E é inevitável no caso do homem de muitas mulheres. Mas se ele a protege, dá-lhe parte da sua vida mental, não terá cometido nenhuma injustiça. Também a mulher sairá ganhando. Nenhum castigo espera esse homem aqui no além; ainda não nasceu a sua afinidade única e ele terá que esperar que a outra metade apareça para vir completá-lo.

BRADLEY - Para que esferas vão os políticos como Poincaré quando morrem? Refiro-me ao político de qualquer país, responsável pela morte física ou pela miséria mental de multidões de seres humanos.

JOHANNES - Isso constitui um crime - e dos piores. As criaturas que os cometem são repelidas. Seu desenvolvimento sofre parada, e elas têm de retornar ao estado de infância para chegarem a alguma etapa de desenvolvimento mental. Explicarei isto. O que na terra chamais esferas, são lugares. Claro que são lugares diferentes dos lugares como os concebeis na terra.

São lugares mais ou menos imaginativos - estados de pensamento ou imaginação. Um homem culpado desse crime é devolvido para trás a fim de que compreenda a sua ignorância e humildemente aprenda dos que na terra ocupavam uma posição completamente obscura. Tal homem é uma deformidade mental; está dominado por uma ideia só - com tudo mais parado em seu desenvolvimento.*

Estas duas últimas perguntas ocorreram-me espontaneamente. Representavam a luz e a sombra da vida humana. Nós, amantes da inteligência e inimigos da hipocrisia e da miséria, conhecemos nossos valores, mas é conveniente vermo-los se confirmarem com o julgamento do além.

Os códigos estabelecidos por miseráveis e hipócritas governantes e mansamente aceitos pelo rebanho dos néscios, condena o amar e ser amado por uma mulher com a doçura dos êxtases, mas considera "patriotismo" destruir vidas humanas ou atormentá-las.

Preceitos sórdidos. Causam-nos náuseas e infundem-nos o mais profundo desprezo pelo rebanho humano.

Apesar das complicações com que os homens rodeiam a vida, a filosofia suprema é simples. Amor e bondade: eis as virtudes máximas. Crueldade e dureza: eis os grandes crimes.

CAPÍTULO VIII
UMA DESCRIÇÃO DA VIDA DO ESPÍRITO

Na sessão de 14 de novembro, minhas perguntas a Johannes foram formuladas de modo que ele pudesse dar-me quantas informações quisesse sobre a vida no além.

BRADLEY - Será fato que depois da morte uma criatura se conserve a mesma

coisa que antes, apenas desembaraçada do corpo físico, revelando os mesmos desejos e inclinações, embora mais intensificados?

JOHANNES - Sua pergunta pode ser respondida em poucas palavras. Quer saber se a criatura que morre conserva-se a mesma, apenas liberada do corpo físico. Não é exatamente assim, porque logo depois da morte, isto é, do abandono do envoltório físico, o ser vivifica-se mentalmente em grau maior ou menor. Tudo se lhe torna mais intenso. Desejos? De um certo modo desaparecem - os desejos no sentido em que os temos na terra. Ficam inteiramente subjugados pelo momento. Não é certo que os desejos se separam do ser, como faz o corpo.

Antes pelo contrário. Vão com ele ao túmulo; mas no momento de desprender-se do corpo a criatura quase que não tem mais consciência deles. Não o abandonam no ato, nem muito tempo depois da morte. Permanecem com o corpo e se dissolvem gradativamente, convertendo-se em coisa distinta. Recordarei aqui o que já disse: que no além existe o sexo, como na terra, mas que o desejo sexual sofre modificação. Desaparece o apetite físico, que é consequência do corpo. Transforma-se em desejo de aperfeiçoamento do espírito com o concurso de outro, do espírito afim - o que é muito diferente.

No momento da morte a alma encontra-se em estado de completa inconsciência; a única sensação que tem é a de afundar. Só isso. Depois sobrevém um período de descanso, como o do convalescente guardado de todas as inquietações e excitações. Não ocorre nenhuma mudança repentina, a não ser a grande mudança da perda do corpo físico. Esta perda súbita produz uma sensação de desnudamento e terror muito próxima do terror de uma criança. Porque na realidade o que se dá é um segundo nascimento.

Houve aqui uma curta pausa.

JOHANNES - Ia me esquecendo de frisar um ponto. Existe, como já expliquei, um terceiro tipo de corpo, misto de memória e matéria. Parte pertence ao físico, parte à alma. Com a morte escapa do corpo físico e perdura muito pouco tempo. Não suponha que seja o corpo do desejo. É também um envoltório, como o corpo físico é um envoltório; e a súbita destruição deste o prejudica.

Neste ponto pusemo-nos, eu e a Sr.ª Travers, a debater diversos assuntos, sendo por fim interrompidos por Johannes.

JOHANNES - É preciso compreender que na morte a criatura só se desprende do corpo físico; mas muda num sentido porque os seus desejos, que se manifestavam por intermédio do corpo físico, já não possuem esse elemento de expressão. Percebe?

BRADLEY - Sim. Será verdade que muitas pessoas funcionam ativamente no mundo dos espíritos enquanto o corpo está mergulhado no sono, e põe-se em contato com espíritos de criaturas amadas na terra?

JOHANNES - É certo, mas não como o podeis imaginar. Durante um sono profundo, nada de mais que os seres humanos venham ao além e se comuniquem com os entes amados. Mas não suponha que o lugar em que se encontram seja a esfera em que vivem os seres desencarnados. É um ponto de reunião - um lugar para onde as almas seguem logo depois da morte do corpo; um ponto onde, por assim dizer, a atmosfera se adapta tanto para os mortos como para os vivos. Este encontro não é exatamente igual a um encontro ou comunicação entre vocês aí na terra.

Quando você foi menino devia ter acreditado em anjos e espíritos que pairam sobre a terra. Esses seres são realmente os organizadores deste lado, e são os que favorecem esses encontros e servem de intermediários entre os mortos e os vivos. Durante o sono a comunicação entre mortos e vivos se aproxima muito mais. Torna-se mais clara, e convincente, e quando se produz reaviva o homem que dorme. Mas não é um verdadeiro encontro à moda dos da terra. Sim, uma comunicação espiritual: comunicação entre mentes momentaneamente desencarnadas, porque durante o sono uma criatura pode desencarnar-se. Isto auxilia aos que depois vêm para cá. A transição decorrente da morte deixa de ser novidade absoluta. Subsiste a lembrança de que já conhecemos essa sensação. O sono nos dá uma antecipação da vida do além.

BRADLEY - Pode fazer-nos a descrição da vida nessa esfera, e descrever-nos o aspeto dos espíritos, suas roupas, se as trazem? Fale-nos também das suas ocupações e estudos, e se adquirem rapidamente conhecimento de línguas, e se o pensamento progride com rapidez.

JOHANNES - Direi de tudo isso. Muito falam vocês em esferas e planos, e nós também, porque não temos outras palavras. Isso que chamamos esferas são lugares, mas a entrada numa esfera depende sobretudo do plano em que estais - e plano não passa de um estado mental. Em todas as esferas coexistem diversos

planos. Isto quer dizer que aqui se vive de um modo muito parecido ao da terra. Na terra também coexistem diversos planos.

O bêbado por exemplo não ocupa o mesmo plano que o filósofo. Compreende? Esferas são estadas de desenvolvimento, e a passagem de uma esfera para outra, da mais baixa para a mais alta, corresponde a uma adaptação mental. Se alguém fosse arrojado da terra a uma das esferas mais altas, sentiria um choque aterrador, e não poderia resistir à intensificação das suas próprias sensações.

Assim, pois, a criatura que passa para o além começa na esfera adaptada ao seu plano mental. Como na passagem para aqui houve intensificação, temos de gradualmente nos ir acostumando ao novo estado.

Esta é a primeira coisa que há a fazer. Nossos sentidos tornam-se muito mais agudos. A vista, mais penetrante, vê as cores de um modo impossível na terra. A luz aparece tão forte que para vocês aí cegá-los-ia; e as trevas são muito mais profundas. A mesma intensificação com o ouvido. Podemos ouvir o movimento da própria esfera, por assim dizer, e a música se transforma numa sensação nova. Surgem muitos tons desconhecidos; até o rumor do crescimento faz-se percetível.

O tato igualmente; fica muito mais agudo; as pontas dos vossos dedos
vos prestam muitos serviços na vida, mas aqui o tato, que vos parecia um mero atributo físico, requinta-se a tal ponto que serve de meio de comunicação de ideias, sem o auxílio da mente. Esta intensificação dos sentidos é a vossa primeira sensação do além, e determina nos primeiros tempos um estado verdadeiramente embriagador de deleite. Acho muito difícil explicar-vos a vida real. As condições são diferentes. É preciso compreender que aqui existe muita coisa que é perfeitamente natural, e não adquirida - coisas que na terra adquires com grande esforço. Começais aqui num nível muito mais alto.

Em matéria de língua, por exemplo. Só temos uma língua. Como o desenvolvimento é rápido, a multiplicidade de línguas seria um estorvo. Compreendo o difícil que é fazer-vos sentir o que quero dizer quando falo de uma língua única - mas nessas ideias formam realmente uma língua única. Os que habitam o mesmo plano compreendem-se com muito maior facilidade que aos de planos superiores ou inferiores. A linguagem real, entretanto, é o som mediante o qual nos fazemos entender uns aos outros - e é a mesma para todos.

Perguntou-me sobre o vestuário. Algumas criaturas estúpidas pensam que a alma

é um fluido sem forma a flutuar de um lado para outro. Absurdo. Cada alma tem sua forma adquirida na vida terrena e conservada aqui. O aspeto que apresentamos é o de homem e mulher como na terra; usamos indumentária que nos dá a mesma impressão que aí recebeis da indumentária terrena. São simples véus para a parte mental, algo que cobre e dá aparência à forma mental; mas não crede que ao virdes para aqui ireis viver de modo muito diferente. Essa indumentária não procede de oficinas, como as vossas; procede da ideia do indivíduo. Contribui para mostrar a mente.

Quanto às habitações do além, é muito difícil explicar. Vivemos em comunidades, e muitas das nossas moradias são vastos recintos onde as pessoas de igual mentalidade se reúnem para a ajuda recíproca. Tenho de advertir que a palavra ajuda significa que cada qual ganha com o concurso dos outros. Aqui houve uma pausa, determinada pela dor que eu sentia na mão.

JOHANNES - Não vos iludais a respeito de tudo isto. O homem é um débil embrião enviado primeiramente ao mundo da terra e depois a uma série de mundos mais intensos e vívidos. Insetos com muitas fases de desenvolvimento, inoculados com o espírito da vida para que evoluam. Cada indivíduo não passa de partícula de um todo. Pode imaginar uma minúscula célula saturada de uma pequena porção de força vital? Quando aqui chegardes tereis percorrido uma distância tão pequena como o é possível para a minúscula célula, e a obra a realizar-se consiste em expandir-se a si próprio, em construir um espírito de intuição cada vez maior à medida que avança, cada vez mais guiado pelo espírito, não pelo intelecto.

Quando passais para aqui, é esta a nossa obra. Coisa natural, como para vós é natural a alimentação. Aqui existem os melhores meios para o desenvolvimento do espírito. Podemos escrever, pintar, conversar ou dedicar-nos à música, conforme o que nos é adequado, mas tudo tende para o mesmo fim, que é a elevação da parte espiritual existente em nós. O vosso Cristo disse muita coisa que brotaram do seu conhecimento intuitivo. Disse também do talento. Sem dúvida que não se referia ao talento na aceção terrena, mas ao aperfeiçoamento do espírito.

Impossível comentar as manifestações de Johannes sobre a vida na sua esfera, porque esse plano se encontra muito além da nossa imaginação.

Seus argumentos revelam inteligência. O processo do nosso desenvolvimento tem sem dúvida de ser gradual. Somos simples infantes. Temos muito que aprender.

Temos que atravessar séculos e séculos de experiência e aquisição de conhecimentos até adaptar-nos à intensa vida das esferas superiores.

A suposição de que vivemos a nossa primeira vida numa terra material e podemos alcançar um ponto culminante e imediatamente penetrar no sétimo céu não está de acordo com as aspirações de uma clara inteligência. E não seria desejável do ponto de vista da experiência falha e da emoção contrariada. A teoria do imediato trânsito a ponto culminante é crua e antiestética. Seria um desejo grosseiro que se gastaria muito depressa. Mera arrogância da inteligência inferior.

Tenho procurado todas as experiências que a vida pode proporcionar-me, exceto as intuitivamente regressivas. Não quero que em mim cesse o desejo de novas aventuras. Se a perspetiva que se me abre é de revoo para além deste pequeno mundo revoo para ignotas regiões do universo, abrirei meus olhos para essa nova e sublime visão.

Não há ninguém que não queira viver através de experiências. É algo instintivo. Assim também, portanto, desejo completar meu conhecimento deste plano e subir sem cessar através das outras esferas, até que a chispa que vive dentro de mim se transforme na grande chama do conhecimento.

CAPÍTULO IX
INTERCÂMBIO MENTAL ENTRE DOIS MUNDOS

27 de novembro

Se voltarmos às páginas deste livro veremos no capítulo IX da 1° Parte que os acontecimentos ali relatados ocorreram na mesma data em que Johannes nos deu esta preleção filosófica. Foi um dia reconfortador. Em Hertfordshire eu havia passado uma manhã assombrosa; à tarde gastei-a lutando contra a estupidez no St. George's Hall (ver capítulo XII) e os cincos estavam em Chelsea tomando chá com a Sr.ª Travers Smith; seguiu-se depois uma discussão sobre a inteligência esotérica. Em seguida, outra discussão sentimental após a ceia em Dorincourt, que se prolongou até às onze horas. Sozinho depois disso, trabalhei nas minhas notas até à madrugada.

Sentia-me tão furiosamente animado que foi muito a contragosto que cedi ao sono. Na sessão que celebrei com a Sr.ª Travers eu estava com duas perguntas no bolso.

BRADLEY - Poderá explicar-me, Johannes, por que os espíritos já em planos superiores procuram intercâmbio mental com a gente da terra?

JOHANNES - Quando o espírito se passa para aqui, conserva ainda durante algum tempo a memória das coisas terrenas. Pode suceder que no começo caia em completo olvido em virtude do choque que a passagem representa. Mas quando volta a si conserva as recordações do mundo e durante algum tempo sofre grande solitude; por um esforço de imaginação poderá você figurar o estado da alma recém-nascida para o além, que gradualmente começa a utilizar-se dos seus sentidos. É como a criança que principia a andar. A intensificação da vista e do ouvido atrapalham-na.

Essa aceleração de energias fá-la sofrer, e como que influída por uma corrente subterrânea a recordação da vida terrena traz-lhe o desejo de rever os entes queridos. É o que leva o espírito a utilizar-se de todas as brechas para inteirar-se da vida dos entes amados que deixou no mundo. Refere-se ao desejo que move um espírito adiantado como eu o sou, ou é o lado pessoal da questão que intriga você?

BRADLEY - Sim, eu desejaria saber a razão de um espírito como o seu procurar intercâmbio com os da terra.

JOHANNES - Na fase em que me acho recebemos a incumbência de cuidar das crianças da terra, e temos que pairar em vosso plano; somos autorizados, quando desejais ouvir-nos, a dizer-vos tudo quanto possais compreender. Interessamo-nos muito pelas crianças que nos são entregues para que as ensinemos e ajudemos. Algumas se mostram rebeldes. Permanecem surdas sempre que procuramos impressioná-las. Minha menina (a Sr.ª Travers) tem prestado boa atenção aos meus ensinamentos e por isso aumentarei aos poucos a sua força e o seu conhecimento, até que um guia melhor que eu a tome a seu cargo. Serei então enviado para assistir a outra criança da terra, cuja mente se harmonize com a minha, pois que os guias são escolhidos com base nesta harmonização.*

MRS. TRAVERS - Por que não me foi dado um guia músico, já que a música tanto me atrai?

JOHANNES - Não tardará a ter um. (É dirigindo-se a Bradley): Por que toma tanto interesse em mim, tendo, como tem, tantos guias bem harmonizados?

BRADLEY - Meu interesse, Johannes, vem das rápidas e inteligentes respostas

que você dá às minhas perguntas.

JOHANNES - Posso agir assim porque o seu cérebro me favorece.

BRADLEY - Há no mundo dos espíritos uma inteligência esotérica que governa ou guia os espíritos? E se é assim, como a consideram as inteligências colocadas sob os seus cuidados?

JOHANNES - Refere-se a uma causa primária, a um Deus?

BRADLEY - Sim, ou a um conjunto de inteligências.

JOHANNES - Eu gostaria de explicar todo o sistema, mas tomaria muito tempo. Há aqui um número infinito de graus de inteligência, e há além disso as inteligências intuitivas mais adiantadas que as vossas. Como os anjos e arcanjos que imaginais na terra, é razoável a suposição de inteligências esotéricas que pairam sobre a vossa vida terrena e que organizam aqui o nosso sistema de vida. E assim é. Mas para mim a grande causa primária, a que chamais Deus, ainda se encontra oculta. Não espero tão cedo chegar a compreendê-la.

Na minha esfera temos governantes e generais, do mesmo modo que na terra, embora mais aptos para a tarefa do que os super-homens terrenos. Mais aptos porque possuem a certeza, ao passo que vós só conheceis a incerteza. Nós reconhecemos-lhes o poder e obedecemos-lhes. Saiba que estes são os filhos de Deus, já altamente cumulados de experiência. Conhecem os cumes e os abismos e por isso podem governar aos que ainda sobem a montanha ou permanecem nos vales.

BRADLEY – Pode um espírito como o seu prognosticar o futuro das coisas terrenas?

JOHANNES - Se posso prognosticar ou se o futuro pode ser prognosticado?

BRADLEY - Se um espírito como o seu, ou de outro guia, pode prognosticar o futuro?

JOHANNES - Há guias com estudos da ciência que permite prever o porvir. São tão importantes para nós esses guias como para os da terra os astrônomos; mas possuem mais segurança que os astrônomos, os quais muitas vezes lançam

conclusões sem provas suficientes - seguem rotas falsas que nós não podemos seguir. Nós, isto é, os dentre nós que se aperfeiçoam nisso. Os clarividentes que há na terra possuem guias com estudos especiais da leitura do porvir. A mim me parece coisa interessante, mas tenho consagrado meu tempo à outra ordem de coisas sem nunca me ter especializado nessa. Astor lê o futuro melhor que eu. Não encontro interesse no caso. Astor procede de um país em que abundavam templos oraculares. Em meu país só empregávamos uma ou duas formas simples de adivinhação.

A sessão, que só durara cinco minutos, terminou aí. As razões dadas para justificar o intercâmbio mental entre os espíritos e a gente da terra parecem-me lógicas e aceitáveis. Nada mais natural que em outros planos os que envolvem ao estado de espíritos desejem comunicar-se com os entes queridos deixados na terra.

Além disso, segundo Johannes, no mundo do espírito destinam-se-nos guias que nos facilitem o conhecimento. Guias que podem dizer-nos tudo quanto podemos compreender. O quanto desses ensinamentos está na dependência do grau da mente humana.

Minha pergunta a respeito da inteligência esotérica teve boa resposta. Seria muita presunção pretendermos chegar à compreensão total do grande esquema da existência antes do transcurso de séculos e séculos de experiências preparatórias.

CAPÍTULO X
O PROBLEMA DA ETERNIDADE

10 de janeiro de 1924

Um mês se passou depois de minha última sessão com a Sr.ª Travers, a qual havia saído de viagem. Só no começo do ano novo pudemos outra vez reunir-nos. Tivemos uma sessão em que propus a Johannes três perguntas.

BRADLEY - Johannes, tenho três perguntas a fazer, vindas em carta do meu filho Dennis. Primeira: “Se na outra vida vamos progredindo sempre, que acontece quando chegamos ao pináculo?”

JOHANNES - Posso responder a isso, porque é problema concernente à segunda morte, isto é, à que sucede aqui à alma. O ponto supremo da evolução é alcançado

quando chegamos a tal apuro que podemos dissolver-nos no ambiente. Então só existirá o espírito, que passa à existência intuitiva na qual o conhecimento de nada serve. A vida converte-se inteiramente em intuição.

BRADLEY - Já passou você a essa fase da segunda morte?

JOHANNES - Não. Em dois mil anos só cheguei à fase da memória coletiva; não ainda à intuição. Se já estivesse nesse ponto eu não poderia guiar um ser humano. Muito tenho que aprender ainda.

BRADLEY - A segunda pergunta de Dennis é: "Como é possível explicar a eternidade?"

JOHANNES - Meu amigo, a eternidade nos envolve. Seu símbolo é o círculo. É a massa que cria e move-se sem cessar, que mudará sempre mas nunca deixará de ser. Isso é a eternidade. Não a vida imperitura da alma, mas a existência do universo. O universo não será sempre o mesmo, segundo sabemos aqui. Não pode desaparecer, segundo o conhecimento que adquirimos.

BRADLEY - A terceira pergunta é esta: "Espera Deus que os cristãos iniciados se conformem com o credo da Igreja católica ou outra qualquer?"

JOHANNES - Não posso daqui seguir suas ideias porque não compreendo de modo perfeito as crenças humanas. Mas não é essencial para nenhuma criatura que se conforme a qualquer credo religioso. As crenças advindas desses credos são esteios úteis às criaturas demasiado fracas para sustentarem-se a si mesma. Ou, por outras palavras, as crenças não possuem valor próprio. Mas um credo significa fé e a fé tem valor para a alma - mais valor do que podeis imaginar. Não tem importância que a fé tome a forma de um credo religioso. O ponto principal é sempre a formação de uma crença real na alma, porque isto ajuda ao corpo e à alma. Na terra podiam-se operar maravilhas, se a fé fosse planta de crescimento fácil à beira do caminho.

Infelizmente, não é assim. Fé é planta de estufa, rara e exótica.

BRADLEY - Uma pergunta que agora me ocorreu: "A teoria da relatividade de Einstein também se aplica a outras esferas?".

JOHANNES - Aplica-se a outras esferas, porque aquilo que vos afeta na terra

também afeta as outras esferas. Não passais de uma parte do grande todo. Antes que Einstein concebesse sua ideia, vigoravam conceitos errôneos, porque a crença de que a luz atravessa a obscuridade é absurda. Einstein concebeu ideia mais clara que a dos seus predecessores, mas não pode alçar-se à conceção do todo - e alguém vos dará a conhecer muito mais coisas decorrentes das ideias de Einstein. A luz é essência mais sutil do que imaginais, e a posição dos planetas muito variará antes que sejais capazes de medir as distâncias reais que os separam. Einstein vos pôs no caminho da ciência da luz, que agora caminhará. Mas muito tempo se passará antes que alcanceis algum conhecimento de valor nessa ciência ainda tão nova. Está recém-nascida, e o que tem a vir é obscuro, porque em virtude da visão falha que tendes haveis que ficar em suposições.

BRADLEY - Nem eu nem a Sr.ª Travers nada sabemos da teoria da relatividade de Einstein.

JOHANNES - Sei disso. Mas eu tenho clara compreensão do assunto, sobre o qual poderia discorrer muito tempo. O difícil seria saber por onde começar. A matéria exige cuidadoso preparo das vossas mentes. As descobertas humanas não deixam de divertir-me. Parecem muito simples vistas daqui. Einstein me sugere a posição do primeiro homem que descobriu a redondeza da terra. Sua teoria é elementar; apesar disso, os homens ergueram os braços, assombrados, quando ele a apresentou. A luz vai ao futuro ser um dos pontos mais excitantes da ciência. Aos poucos os homens aprenderão que as estrelas não são de nenhum modo como eram representadas antes de Einstein. Todo o mapa dos céus mudará e então será compreendido o valor dos raios luminosos. As direções da luz se alterarão muitas vezes.

BRADLEY - Pode dizer-nos se existe vida nos outros planetas? São habitados?

JOHANNES - Já sabeis que existem outros mundos como o vosso. O vosso é uma etapa da viagem, mas há outras. Já vos disse, meu caro, que as estrelas mais jovens, que vos aparecem azuis, são as mais altas habitações das almas. As estrelas mais velhas são menos vitais, e os seres que na terra não se desenvolveram suficientemente vão para esses mundos mais obscuros, como os próprios para as evoluções mais lentas. Quando os espíritos que se comunicam convosco falam de trabalho incessante, querem dizer que a vitalidade de suas existências está aumentada pelo facto de viverem em planetas mais jovens, mais carregados de vitalidade, nos quais as coisas evoluem mais depressa que aqui. Espero que me compreenda isto.

A sessão terminou aí.

Em sua resposta à primeira questão Johannes novamente alude à segunda morte, na qual a alma, já suficientemente desenvolvida, dissolve-se em puro espírito e dá começo à vida da intuição.

Impossível conceber as emoções que possamos experimentar nesse estado. Talvez seja a fusão na coisa suprema, de onde passamos a observarem conjunto a maravilha do universo.

Quanto à eternidade, essa ideia sempre esteve acima da compreensão humana. Nosso intelecto não a alcança. Constitui o primeiro assombro dos anos verdes e o último maravilhamento da velhice.

Não obstante, mais difícil do que compreender a eternidade é imaginar a não-eternidade.

Considere-se a alternativa do Nada absoluto. Impossível compreender o que possa significar o Nada. Nem mundos, nem céus, nem astros, nem universo, nem almas, nem vida, nem espírito, nem som, nem movimento, nem átomos - só o vazio, o Nada... A meditação sobre este ponto traz mais transtorno à mente do que a meditação sobre a eternidade, porque a esta de certa forma sentimos, ao passo que de forma nenhuma sentimos o Nada.

A pergunta que fiz sobre as ideias de Einstein foi uma brincadeira que me ocorreu no momento. A vida é muito curta e há uma multidão de coisas que ignoro por completo. Uma delas é a teoria de Einstein. Sem prestar nenhuma atenção, tenho visto várias vezes em debate, e justamente por isso fiz a pergunta - mas sem dizer que não possuía nenhuma ideia a esse respeito.

O caso degenerou em algo divertido e ao mesmo tempo de valor notável como prova. Como se explica isto pela teoria telepática? Nem eu, nem a Sr.ª Travers, tínhamos nenhum conhecimento do assunto, e no entanto a resposta de Johannes nos foi dada com maravilhosa rapidez.

O manuscrito a lápis desta sessão constitui uma interessante curiosidade.

CAPÍTULO XI
O ACESSO À VERDADE ETERNA

7 de janeiro, 1924

A última sessão que tive com a Sr.ª Travers e que neste livro relato realizou-se em Chelsea. Eu me sentia terrivelmente cansado, não destes estudos, que me são fascinantes, mas do esforço físico que me custavam.

Na manhã desse dia, a Sr.ª Travers telefonou-me dizendo que recebera uma curiosa comunicação de Oscar Wilde sobre o meu livro The Eternal Masquerade. Já que Wilde tinha dado larga aos seus instintos ferozes, embora tão artisticamente floreados, na crítica feita a Hardy, Meredith, Shaw, Bennett, Moore e Joyce, não havia razão para que me poupasse, nem há razão para que eu me ofenda. A matéria só me inspira curiosidade.

Eis a comunicação obtida pela Sr.ª Travers:

OSCAR WILDE - O homem interior é afogado pelo exterior. Este exterior é uma coleção de farrapos de cores vivas de que se desprende a tristeza das ideias ressecas e caducas. Mas aqui encontro, conjuntamente com esta penumbra, um brilhante polido como o com que eu enfeitava meus pés quando a passeio pela Bond Street. O efeito produzido é dos bailes à fantasia, onde os trajes são trajes de eras passadas, e tudo são perfumes murchos e murchas paixões.

Tudo se desbotou, mas posso apreender a essência da delicada caducidade. Mescla de espírito e forte aroma. É o moderno método de remoçar as coisas antigas e apresentá-las ao público com uma atitude que sabe a feira. Parece-me que a história adquiriu uma cor completamente nova. No meu tempo a história consistia nos volumes de capa negra que enchiam as horas tão mal gastas da nossa vida colegial. Vejo-a agora a uma luz diferente, pois em cada capítulo encontro-a ataviada de um vestido novo e a abrir caminho através de um número infinito de régias marionetes. (Pausa)

Vou continuar por mais um pouco, porque tenho vontade de falar do espírito prodigiosamente moderno que fez este livro. Parece-me que o autor está persuadido de que ele é a um tempo historiador e crítico das atitudes do momento. Enganar-me-ei? Mas se considera autor anedótico, este cavalheiro teria agido

melhor recolhendo-se. Querida senhora, vós que tendes o senso do humor podeis compreender o valor exato do meu epigrama. Não se confunde com coisa nenhum o que emana do espírito com inteira liberdade. O epigrama é o filho de um espírito que se deleita em colocar diante do auditório a verdade vestida de mentira. Esse personagem que tanto se esforçou por ser epigramático, apresentou a mentira sob as vestes da verdade. Mas não mentiu com a sinceridade desejável. Já que o público me considerou o criador da epigrama, não deixa de ser justo que eu lhe de conselhos sobre o assunto. Que ele sempre se certifique de que a base do que diz é verdade, no sentido em que o público a toma, e que a expresse vestida como a mentira - mas a mentira perfeita e consciente, não a mentira ligeira. Já num dos meus livros eu disse que a mentira nada vale se não é consciente.*

Confesso que o juízo crítico de Wilde é muito divertido e tem realmente o sabor das suas obras. O interesse dos seus juízos críticos póstumos está nisso. São infinitamente mais vividos do que as suas antiquadas comédias.

Sem tomar a sério à discussão, podemos dar como assentada a sobrevivência da personalidade de Wilde, que quando se crê o criador do epigrama de novo revela a sua mórbida egolatria e o seu culto esnobismo. Disto conclui que a preguiçosa ignorância de Wilde impediu-o de ler William Congreve.

Cada cena das comédias de Congreve contém mais epigramas e de melhor qualidade do que todas as insignificâncias vitorianas saídas do gênio estéril de Wilde. Oscar Wilde pertenceu ao tipo efêmero que resplandece um momento no apogeu da hipocrisia e logo murcha, tanto mental como espiritualmente. A mentira adornada, entretanto, ainda o enleva - fecho que ele é de uma geração que representou tão mal. Do que ele comunica deduz-se que o seu desenvolvimento está estacionado.

Continua adstrito ao mundo do pensamento que deixou para trás e ainda se aferra à mentira adornada, preferindo-a à elegância nua, de forma perfeita, da verdade. Não é cavalheiresco torturar uma alma envolta em sombras, mas também as sombras merecem lições. Há dois anos tive a desgraça de assistir a uma representação de Uma Mulher sem importância. Simples puerilidade patética. Quando depois disso houve a reprise da importância de Ser Formal, todos sentiram que era uma obra sem possibilidades de ressurreição. Tais comédias não servem para coisa nenhuma. Não tem vida. Só revelam a decadência já adiantada do espírito do autor.

Antes de começar a sessão em que nos comunicaríamos com Johannes, apresentei a Sr.ª Travers a lista das diversas questões que tínhamos discutido.

JOHANNES - Alegro-me de que haja voltado, pois terei mais um ensejo de falar.

MRS. TRAVERS - Ouviu o que Bradley disse a respeito do livro que está compondo?

JOHANNES - Sim. Espero que comunique ao mundo as minhas ideias. Quererá ele que eu resuma o que me parece que vai suceder?

BRADLEY - Isso me encantaria.

JOHANNES - Estou certo de que esse livro será de valor; minha filosofia adapta-se a muitas ideias que não são rigorosamente cristãs e por isso satisfará também aos incrédulos. Tenho muita confiança em que despertará o interesse das pessoas que nunca ouviram nossas palavras. Porque - preste atenção - é impossível comunicar verdades senão por intermédio de mente que afine connosco. Quando existe algum preconceito definido não podemos transmitir a verdade por meio de palavras, porque a mente que as recebe não as aceita. Você e minha filha (Sr.ª Travers) possuem a mente aberta e por isso a impressão que sobre ela causam minhas palavras é algo definido.

BRADLEY - Quer dizer-me que método de comunicação tem mais valor? As sessões celebradas com assistência de várias pessoas e nas quais se dão manifestações físicas, ou estas que fazemos, puramente mentais?

JOHANNES - Interesso-me igualmente pelas duas formas, pois uma seria inútil sem a outra. Aqui no além discutimos essa questão com tanto fervor como vós na terra, e admitimos que para convencer o mundo temos de aperfeiçoar o emprego do que chamais ectoplasma, pois que na terra a vista convence mais que o ouvido. Na realidade, entretanto, o que vem pela vista é o mais tosco. O ouvido guarda relação mais estreita com a mente. Mas para cimentar nossas comunicações com o mundo o importante é começarmos pela vista.

Suponho que no decurso de uns tantos anos as formas ectoplásmicas vão tomar grande desenvolvimento, e a isso damos aqui muitos cuidados; pois que na terra há muito poucos homens dispostos a atender à nossa filosofia, mas quando encontramos um auditório predisposto, nem sempre encontramos o instrumento

adequado. O instrumento, ou o médium, traz muita confusão, tanto para o pensamento daí, como para o daqui. Tenho de advertir, além disso, que esta confusão é aumentada por alguns comunicantes que têm de pedir a ajuda dos guias em todas as sessões.

O guia é uma ponte que há que resistir ao peso das partes que se aproximam dos dois lados. Sente-se confundido pelas chamadas daqui, de modo que muitas vezes a comunicação se torna uma mistura das palavras do comunicante do além com os pensamentos do médium. O médium não pode eliminar por completo os seus próprios pensamentos, os quais batem à porta, empurram-na e passam, apesar de todas as resistências. Andamos agora a estudar a maneira de vencer esta dificuldade.

Porque realmente constitui um enormíssimo embaraço. Ora voz vemos interpretando em parte vossas próprias ideias, ora interpretando em parte as nossas palavras - o que muito prejudica os nossos esforços.

BRADLEY - Pode dizer-nos há quanto tempo existem comunicações de espíritos com o nosso mundo?

JOHANNES - A comunicação entre os dois mundos estabeleceu-se de diferentes formas desde o começo. O método que aqui usamos é o mais desenvolvido e muito mais difícil para nós do que qualquer outro. Podereis perguntar-me por que há tão poucas pessoas que realizam esta escrita e por que encontram tantas dificuldades e desapontamentos, e ainda por que são tantas vezes ofendidas pelos comunicantes. Tudo vem por falta de um guia. Não que se ponham em contato com más influências, mas porque as influências ignorantes que usam essas pessoas não sabem manejar as mentes como seria necessário. Muito difícil usar a mente de um médium sem feri-la. Nós, os guias, afastamos dos nossos filhos as influências que possam ofendê-los, danificando-lhes uma consciência preciosa que deve ser utilizada enquanto a vida dure.

BRADLEY - Se a comunicação dos espíritos sempre existiu através dos séculos, acha que se tem desenvolvido e hoje está em grau mais alto do que já esteve?

JOHANNES - Já disse que a comunicação com o espírito vem desde o começo; mas por causa do sentimento injustificável do medo não era reconhecida. Tudo se levantava contra esse reconhecimento, porque o essencial era que o homem estivesse cada manhã pronta para tomar os seus instrumentos de trabalho e a

concentrar a mente no mundo que o rodeava. A evolução tem sido muito lenta, mas o resultado da evolução através dos séculos é que hoje não é já tão importante que o homem se ocupe de modo total com os instrumentos de trabalho. O pensamento é um instrumento mais útil que os objetos reais criados pela necessidade quotidiana. Neste sentido os vossos estudos começam a ser uma base aceitável para os que vivem.

À medida que o tempo se passa o pensamento se torna realidade cada vez maior. Em tempo que não será longo ficará estabelecido como fato apurado pela ciência que o pensamento cria vibrações - e isto desdobrará todo um panorama novo. Esse avanço está próximo. Já se admite o pensamento como algo suscetível de cotação. Temos tido até agora a necessidade de nos aproximar dos vivos por intermédio da boca, porque a débil condição humana exige alimento de natureza material; mas agora já se reconhece como fato científico que esta comunicação com o além existe e é isto o que chamais realidade. Tornou-se coisa utilizável para todos os fins, já que é o criador de todas as coisas materiais do vosso mundo. As comunicações aperfeiçoar-se-ão, tornando-se mais convincentes - e os homens terão dado um grande passo à frente.

BRADLEY - Acaba de me ocorrer uma ideia. Johannes. Fez há pouca alusão ao medo. Eu considero o medo como o pior inimigo do homem. Não poderíamos criar um mundo de beleza, se fosse possível afastar da nossa mente o medo?

JOHANNES - Querido amigo, o medo serve à vida. Não há dúvida que o vosso mundo seria um lugar de maior beleza se não fora o medo. Mas considerai as consequências. O mundo não pode existir sem o medo. É o látego ou a espora que leva o homem a agir como é necessário. Temos que lhe reconhecer o valor. Assume muitas formas o medo, mas a forma principal é a de que se extinga a chama da vida, o que pode realizar-se de várias maneiras, embora nenhuma tão eficaz como pela oclusão dos condutos por meio dos quais o homem se alimenta. Foi o medo que induziu Adão a lavrar a terra e obter tudo quanto o rodeia hoje. Vós de hoje sois os depositários de uma grande herança toda ela devida à ação do medo. Está compreendendo o valor de um sentimento que classificou de inimigo do homem?

BRADLEY - Sua resposta causa-me absoluta surpresa - e me confunde. Não porque não seja logicamente aplicável às emoções terrenas, mas porque nega a minha visão do que podia ser este mundo. Mas como o considerais artificial, fico admitindo que só é aceitável num mundo inteiramente artificial. (Breve pausa) Outra questão me veio do debate com a Sr.ª Travers antes da sessão de hoje.

Uma questão pessoal. Que ideia forma de Oscar Wilde? Como julga a sua vida terrena e a existência que ele leva agora?

JOHANNES - Agrada-me essa pergunta. Estava querendo falar dele, porque o tenho impedido de vir de outras vezes em que tenta aproximar-se. Sinto por Wilde um grande desprezo, tanto pela sua vida na terra como pela que leva hoje depois de haver abandonado o corpo. Ainda não pôde largar completamente o corpo. Ainda está aferrado às suas infelicidades privadas.

Tiveram na vida múltiplos motivos para espiritualizar-se. Havia herdado uma tendência até certo ponto mórbida que o levou à prática do que o arruinou, mas isso constituía para o seu espírito uma incomparável oportunidade para a ressurreição. Sua mente é muito curiosa, plena das ideias que lhe iam determinar a ruína. Não alimentava nenhum pensamento para o homem interior, completamente que era dominado pelo egoísmo. E depois que defrontou a grande oportunidade, deixou-se levar pelo relaxamento e a glutoneria (1) por essa lassidão que é o irremediável fracasso dos homens. Jamais proporcionou à sua parte vital um ensejo de reerguimento, e embora não possa lisonjear-se de ser um grande pecador, podemos tê-lo como uma das almas mais preguiçosas que vieram ter aqui.

(1) Depois de deixar a prisão, Wilde de facto caiu nessa lassidão glutônica.

BRADLEY - Em que estado se encontra hoje?

JOHANNES - Foi enviado para uma esfera de menos vitalidade, e em vez de fomentar as suas energias, vive a remoer-se da situação. E assim continuará ainda por muitos anos.

BRADLEY - Quero fazer uma derradeira pergunta, esta de alta relevância. Já sabe que compreende o valor da fé, sem a qual nada conseguimos. Nenhum inventor realizaria seus inventos se não tivesse fé em suas ideias, as quais acabam materializando-se e sendo aceitas. Como podemos aplicar a fé às investigações e ideias psíquicas?

JOHANNES - Esse é ponto da maior importância.

BRADLEY - Como é possível aceitarmos a fé das várias religiões da terra, se seus ministros justificam ou estimulam a grande iniquidade da guerra?

JOHANNES - Sim, creio que compreendo o vosso embaraço. As religiões - ou crenças, como digo - são absolutamente necessárias para a grande maioria dos seres humanos. Mas por que motivo são necessárias, desde que há criaturas de Deus que ensinem aos homens sem recorrerem a dogmas? A razão é que a criatura humana necessita de signos ou símbolos do todo, preservadores de um ideal que é um atalho para a fé. O perigo de todas as religiões está no se destruírem a si mesmas dando corpo a doutrinas contrárias à razão humana. Apesar disso, esses símbolos devem existir porque o homem é uma criatura transitória e enquanto vive nada de melhor pode fazer do que alimentar qualquer gênero de fé.

Eu gostaria de falar do problema da guerra, que já classifiquei de vício do homem. A religião apresenta este vício como coisa heroica, e não pode obrar de outro modo, já que é impotente para ir de encontro ao caráter das nações. Entretanto, não podemos admitir que pelo fato de não conseguir extirpar o maior dos males a religião não seja algo essencial para o homem. Leva diante de si, num corredor escuro, um facho de luz, embora luz que vacila às vezes. Há tão pouca luz na terra que a bruxuleante candeia da fé cristã ainda é o melhor com que conta. Por esse motivo não há razão para desprezá-la a fundo. Vós, que possuís o amparo de ideais de maior sublimidade, não deveis ser impiedosos para com os que usam flores de papel por não terem um jardim de rosas. Não defendo nenhum dos credos terrenos, sabendo, como sei, que justificam a guerra, a mentira, a ganância; mas também sei que produzem fé - e a fé aproxima o homem da vida eterna.

Sinto-me inábil para dizer do efeito extraordinário que esta sessão puramente mental me causou. Uma hora levamos nela e os escritores poderão compreender o que isto significa.

A filosofia de Johannes mostra-se tão clara que não exige explanações. Foi a expressão de si mesmo, com interpolações da minha parte. Tratou dos graus, da evolução e do progresso dos fenômenos psíquicos. Explicou a necessidade da demonstração física, que considera essencial para o convencimento do mundo.

Tratou do medo de um modo que me surpreendeu e que nunca me ocorreu. Manifestou o seu desprezo pela lassidão e gula de Wilde. Fez um magnífico ensaio sobre a fé e mostrou-se de alta tolerância para com as diversas religiões humanas - tolerância que se achava muito longe da minha imaginação sempre indignada com o que observo no mundo.

A humildade não é elemento da minha natureza, mas sinto-me humilde quando

encontro a superioridade pelo meu caminho - quando se me deparam grandes palavras de inteligências maiores que a minha. Sinto então que os sábios da terra não passam de criancinhas de mama aferrados às tetas do universo.

Se durante a marcha deste meu estudo consegui alcançar a fé, grande resultado já obtive. Reproduzo as palavras de Johannes: "a fé é o caminho mais curto para a verdade eterna".